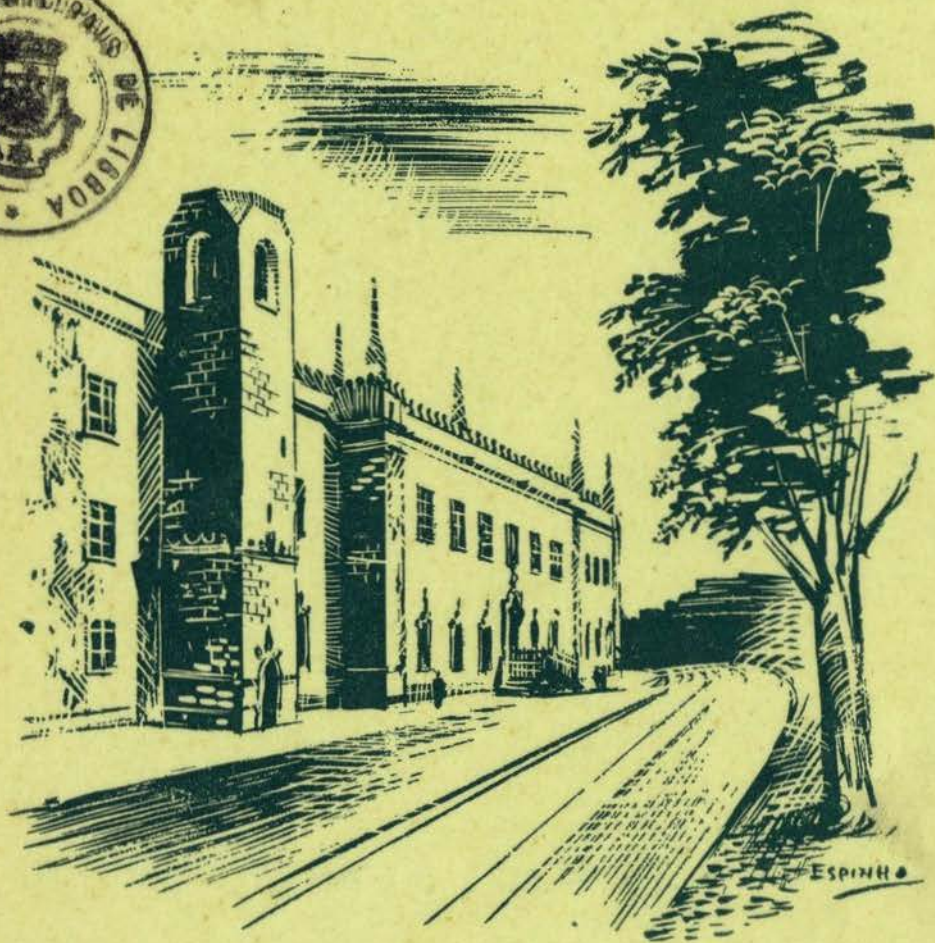


Olisipo

BOLETIM TRIMESTRAL DO GRUPO

Amigos de Lisboa



Ano XX — N.º 78 • Abril 1957





Um recurso!

Mas não é boa solução

A sua instalação eléctrica deve ter:

Um ramal de bom calibre.

Circuitos vários.

Tomadas em número suficiente.



**NO SÉCULO DAS LUZES NÃO
QUEIRA VIVER NA ESCURIDÃO**

C. ^{as} R. ^{as} GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA

CASA DA VELHA

J. MARQUES, LIMITADA

151, 153 - Rua dos Fanqueiros - 155, 157

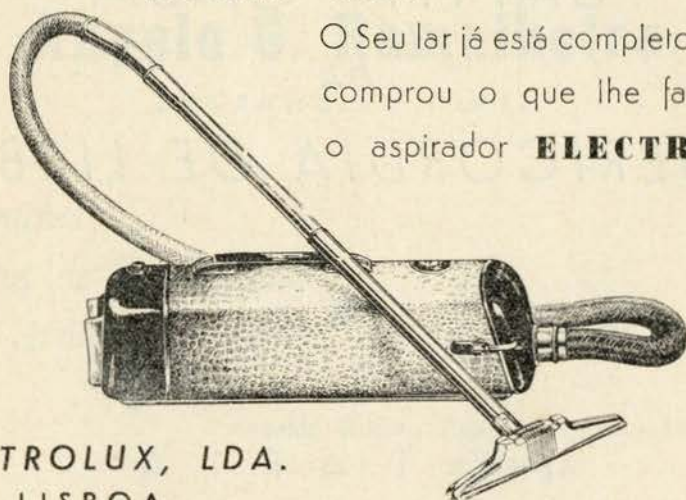
2 - Rua da Vitória - 4 . LISBOA

GRANDE SORTIDO

Em Fazendas de Algodão, Lã e Seda,
Casacos para Senhora e Criança, Fatos
à Marinheiro, Rouparia e Camisaria
**ENXOVAIS PARA
BAPTIZADOS**

AGORA SIM!

O Seu lar já está completo porque
comprou o que lhe faltava —
o aspirador **ELECTROLUX**



ELECTROLUX, LDA.
LISBOA

Rua Pascoal de Melo, 7 — Telef. 56115

Rua 1.º de Dezembro, 120-B — Telef. 28246

Casa Batalha

FUNDADA EM 1635



SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

Restaurante
TAVARES

O mais Antigo, Tradicional e
Luxuoso Restaurante de Lisboa

R. da Misericórdia, 35-39
Tel. 2 11 11/2 — LISBOA

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. — Tel. 493 13
LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º — Tel. 262 51
PORTO

OFICINAS
GRAFICAS

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 3 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora

SOCIEDADE GERAL

DE

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES

CARREIRAS REGULARES

DE:	PARA:	PARTIDAS:
Metrópole.....	Cabo Verde e Guiné.....	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole.....	S. Tomé e Príncipe e Angola.....	Mensais
Norte de Europa	S. Tomé e Príncipe, Matadi e Angola	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

SERVIÇOS PERMANENTES

Transporte de fosfatos do Norte de África e de pirites do Pomarão / Tramping
 Consignações / Trânsitos / Serviços de reboques fluviais e de alto mar
 Lanchas / Fragatas / Batelões.

FROTA PRINCIPAL

	TON.		TON.		TON.
n/m «África Ocidental»	1.560	n/m «António Carlos»	2.974	n/v «Costeiro»	900
n/m «Alcobaça»	9.588	n/m «Arroios»	9.558	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426
n/v «Alcouthim»	10.526	n/m «Belas»	7.259	n/m «Covilhã»	1.376
n/m «Alenquer»	9.588	n/m «Borba»	7.259	n/v «Foca»	2.060
n/m «Alexandre Silva»	3.215	n/m «Braga»	7.224	n/m «Manuel Alfredo»	3.600
n/v «Alferrarede»	2.118	n/m «Bragança»	7.224	n/v «Maria Amélia»	3.005
n/m «Alfredo da Silva»	3.643	n/m «Cartaxo»	1.376	n/v «Mello»	6.253
n/m «Almeirim»	9.588	n/m «Colares»	1.376	n/m «Rita Maria»	3.458
n/m «Ambrizete»	9.245	n/m «Conceição Maria»	2.974	n/m «São Macário»	1.221
n/m «Ana Mafalda»	3.643	n/m «Coruche»	1.376	n/v «Saudades»	6.430
n/m «Andulo»	9.245			n/v «Zé Manel»	1.240

Total 151.558 Ton.

FROTA AUXILIAR

7 Rebocadores, 5 Lanchas a motor, 33 Batelões, 25 Fragatas, 1 Barca de água,
 1 Draga e 5 Batelões de dragadas.

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

4 navios de 800 T., com motores de 650 HP., para serviço costeiro;
 2 navios de 320 T., com motores de 500 HP., para transporte de carga e passageiros
 no serviço de cabotagem na Província de Cabo Verde.

CARGA E EXPEDIENTE

LISBOA – Rua do Comércio, 39	PORTO – Rua Sá da Bandeira, 82
Telef. 2 63 14/5	Telef. 2 73 63
Teleg. GERAL	Teleg. SABÕES

Esta é a companhia portuguesa que tem ao serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa



PEUGAS

LONG-LIFE

MOUSSE NYLON

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital Realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 96.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Belém.

PORTO - Carvalhinho, Costa Cabral e Matosinhos.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PAPELARIA CARLOS

Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 02 44
Teleg. PAPELCAR
LISBOA

CARLOS FERREIRA, LDA.

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

Porcelanas da
VISTA ALEGRE

. . . apreciadas pelos Lisboetas de bom gosto há mais de



UM SÉCULO

Largo do Chiado, 18 • Rua Ivens, 19 • LISBOA

A
LEGAL & GENERAL

agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros

Capital e Reservas:

220 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA



BERTRAND (IRMÃOS), LDA.
Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

Oferta

27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XX

ABRIL DE 1957

NÚMERO 78

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 25711

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16
Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

	Pág.
DON GILBERTO pelo Dr. Gilberto Monteiro	51
O SÍTIO DE SANTO AMARO por Mário Costa	59
ACTIVIDADE CULTURAL no trimestre passado	90
FEIRA DA LADRA	96
ASSEMBLEIA GERAL DE 1957	98
Relatório da Junta Directiva	98
Parecer da Comissão de Contas	102
ALGUMAS EDIÇÕES da Câmara Municipal de Lisboa	
LIVROS, edições do Grupo e dos Sócios	
CAPA: Igreja da Madre de Deus (Séc. XVI)	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

Don Gilberto

pele DR. GILBERTO MONTEIRO

O autor deste estudo começa por justificar-se: Gilberto de nome, tem pelos seus onomásticos muita consideração, sendo a melhor das razões disso o dever a todos e a cada um o grande favor de não terem fundado qualquer organização, grupo, grémio ou clube dos Gilbertos. Mais de meio século a ouvir articular estas sílabas está sempre alerta quando alguém do mesmo nome se lhe depara ou é citado e eis por que não pôde resistir à tentação de biografar um dos mais remotos e dos mais ilustres Gilbertos. Devassar a vida deste amigo de Lisboa, distante de nós oito séculos, diz em favor próprio, também amigo de Lisboa, e é prestar um serviço aos seus confrades por intermédio do *Olisipo*. O estudo limita-se a coligir, a citar e a transcrever. É uma prova estudantil modesta a reproduzir o que aprendeu com os mestres de História e apenas pretende fazer a evocação duma grande figura de Lisboa, o seu primeiro Bispo, após a reconquista, Dom Gilberto de Hastings.

Dito isto, o autor permite-se a honra de o dedicar a todos os Gilbertos de Portugal.

DON GILBERTO é na História Eclesiástica um modelo de sacerdote. Integrado no espírito das cruzadas tendo em todas as circunstâncias da guerra e da política, no campo social ou no militar, na organização religiosa como na civil, mantido uma grandeza de iluminado, acima da mesquinhez terrena a justificar a sua eleição ao mitrado. Inglês de nascimento era natural de Hastings, de família nobre de origem normanda, com os privilégios e interesses temporais que na idade-média e no sul de Inglaterra eram bem superiores aos que no nosso País em formação ele poderia encontrar; desprezando todo o comodismo aceitou

a diocese, posição de sacrifício e posto de evangelização, onde o seu exemplo ia ser um contraste de severa bravura, de renúncia e inspiração cristã com o espírito de materialidade, felonía, sanguinarismo e latrocínio dos seus companheiros cruzados, nobres como Ele, para não citar a peonagem, vilão sem responsabilidades em que a crença religiosa e o exemplo dos chefes justificava os crimes.

É sabido que o cerco de Lisboa foi muito longo e que o exército sitiante era constituído por uma multidão heterogénea de homens de nacionalidades, costumes e línguas as mais diferentes, francos, flandreses ou flamengos, burgonheses, colonenses, ingleses, escoceses, etc., onde as ambições e instintos mal dominados pelos princípios doutrinários do cristianismo, os punham sempre em atrito com as intenções dos chefes militares. Lembremo-nos que essa grande multidão acumulada em torno da fortaleza mourisca estava ociosa e impaciente a procurar sempre um pretexto para abandonar o cerco e quebrar um compromisso que não entendia. Esse mal-estar permanente propiciava os conflitos e as escaramuças entre os vários agrupamentos nacionais e rácicos que os chefes dificilmente dominavam, quando os não agravavam, mercê das dificuldades linguísticas e éticas.

É admirável a acção de D. Afonso Henriques durante todo o tempo do cerco em que demonstrou possuir todas as qualidades dum chefe, condutor de homens, político hábil, guerreiro bravo, ponderado e oportuno um verdadeiro rei. Com a demora do cerco, pela doenças e pelas pelejas, morreram muitos guerreiros. Dizem as crónicas:

«Vendo El-Rei D. Afonso Henriques como faltava muita gente em os combates e julgando na causa da morte destes cavaleiros o zelo da fé com que pelejavam, se lhes devia respeito em seus sepulcros, ordenou se deputassem lugares sagrados para seu enterro. Estava com o exercito o arcebispo de Braga Dom João com o qual comunicando El-Rei seu pensamento fez sagrar dois cemiterios em os lugares mais convenientes, promovendo fundar neles mosteiros, se o Senhor lhe concedesse a victoria e a cidade. E, adverte a mesma memoria referida que a esperança de mercê que o esperava do Senhor começou a pôr a mão na obra quase certo do bom despacho; e assim tiveram principio o mosteiro de S. Vicente de Fóra e a Igreja dos Martires junto a S. Francisco, ainda antes de Lisboa ser ganhada.»

No fim de Outubro, a 24 ou 25, um último assalto às muralhas consumou a conquista; o massacre e o saque liquidaram definitivamente o domínio mourisco em Lisboa. O Rei não perdeu o tempo e ao acto militar, violento e desumano, fez a seguir, logo, os primeiros detalhes da organização civil e religiosa; nomeou a Pero Viegas alcaide, o primeiro gover-

nador de Lisboa e a Gilberto de Hastings fez eleger bispo da nova diocese que simultâneamente criou.

O Rei instalou-se no Alcácer ou Alcáçova e a mesquita pequena depois de limpa e despojada de todos os símbolos sarracenos foi santificada e nela se celebrou o *Te-Deum* da vitória. A nova igreja foi dado o nome santo dia, que perdurou, o de Santa Cruz do Castelo, apesar dos terremotos ulteriores terem derrocado o edifício primitivo. Nela se instalou o Bispo com toda a incomodidade que um alto prelado medieval podia sofrer.

A universalidade da Igreja de Roma estava então a desenvolver a sua acção construtiva e organizadora; a nova sociedade do ocidente da Europa levantava-se perante a civilização decadente do Levante.

A Ibéria ainda bárbara tinha já a epopeia de Roncesvalles e das Astúrias, como tinha os seus heróis Rolando e Pelágio; uma civilização fremente de fé procurava a unidade e afirmava a sua razão de ser. Ao Crescente opunha-se sem tergiversações a Cruz; expulsar da Península os moiros era continuar a resistência dos godos e confirmar o direito à Terra. Portugal com a tomada de Lisbuna tinha a sua capital, consolidava a nacionalidade e com o seu Rei podia prosseguir para o sul onde iria demarcar definitivamente as suas fronteiras marinhas, olhos fixos no mar-oceano que lhes viria no futuro abrir os seus transcendentales segredos. Os cruzados vindos em seu socorro movidos por sentimentos místicos e ambições venais mais ou menos recônditas, constituíam uma multidão heterogénea, mal unida como já dissemos por divergências rácicas, éticas e políticas; os portugalenses ao contrário dos cruzados representavam já a grei unificada em torno do Rei e com apego à terra-mãe.

À conquista de Lisboa seguir-se-iam actos de governança e de organização social indispensáveis para consolidar a nova nação. No dia 1 de Novembro fez-se a sagração da mesquita grande que passou a ser a Igreja de Nossa Senhora da Assunção ou Santa Maria Maior, futura Sé. A propósito pode ler-se na *Cruzada*, a págs. 67 e 68:

«... a conversão da mesquita em templo cristão e Sé de Lisboa... em 1 de Novembro, ad archis piscopus coepiscopus...»

Foi oficiante o arcebispo de Braga, D. João Peculiar assistido por quatro bispos que foram o de Lamego, D. Mendo Godines; o do Porto, D. Pero Pitões e possivelmente os de Coimbra e de Viseu, D. João Annes

e D. Odório e não D. Gilberto que apesar de eleito não estava ainda sagrado.

D. Afonso Henriques na sua faina de bem construir o Reino, e atendendo à diminuta população e ao seu atraso mental, procurou e conseguiu reter com o engodo da concessão de honrarias e terras a alguns dos mais importantes cruzados bem como muitos elementos do clero estrangeiro que acompanhara os cruzados; assim ele introduziu na população uma percentagem de elementos de valor a contrabalançar o primitivismo do seu povo. Igualmente tentou e conseguiu fixar parte dos mouros garantindo-lhe direitos, tolerância e respeito pela propriedade, religião e família, o que representava para a nação a continuidade da agricultura e da indústria.

Por curioso e documental transcreve-se aqui, com todas as irregularidades ortográficas e todo o pitoresco da linguagem, parte do capítulo xxx do III volume da *Monarchia Lusitana* o que confirma o que vimos de dizer:

«1141 — Nam avia neste tempo em Portugal por causa dos tumultos da guerra e pouco uso das letras, a multidão de ecclesiasticos necessaria e a esses poucos, faltava o ornato das sciencias e escrituras, e assim era forçado no provimento dos Bispados e dignidades da Igreja, se lançar mão dos estrangeiros benemeritos a quem acreditavam a sciencia e a pureza da vida. Toledo se entregou os anos passados ao Arcebispo de D. Bernardo, frâces de nação, e de sua gente se puserão Bispos em outras Igrejas de Castella. Em Braga flocera S. Giraldo, e ao prête governava João Peculiar, como exêplo destes e de outros insignes Prelados se nomeou por Bispo de Lisboa Gilberto também estrangeiro.»

Leia-se este outro trecho a confirmar o que acima dissemos:

«Era Gilberto conforme a memoria de S. Vicente, natural de Inglaterra, varão douto, pio e de bõ exemplo, partes bem necessarias para plantar e concertar a Fê naquella cidade, 2.^a qual constava então de Christãos de varias nações e dos mesmos mouros, q̃ do uso de outras partes se deixarão ficar com a sogeição ordinaria dos tributos. Toda esta variedade de gête importava ser, bem regida para que nem os maos fossem impedimento aos bõs, nê a diversidade das nacõis causasse dissensão em aq̃lle povo. A tudo deu satisfação o Religioso Prelado, e del Rey foi favorecido. Logo de principio lhe fez doação da Igreja dos Martyres, hua das que avia edificado em ocerto de Lisboa, reservadando a S.^{de} Vicente para o seu Padroado. Tã bem em breve tempo se fundou a Igreja Mayor deputada para assento daquelle Bispado, ha tradição ser primeiro mesquita de Mouros, e o nu do antigo edificio o persuade. Porem de escrituras autenticas consta como a mandou fundar el Rey D. Afõso, assi o relata a memoria de trasladação de S. Vicente escrita em aquelle tempo, o livro de obitos da mesma Sé, e outras memorias.

Fez Gilberto acto de sojeição ao Arcebispo de Braga, o q̄ não deixa de causar algũa duvida, por quanto sua igreja era antigamente da Metropoli de Merida e não de Braga.

A promessa de sojeição tirada do livro fidei diz assi:

Ego Gilbertus S. Ulixbonensis Ecclesiae Episcopus subiectionem, e reverētiã a sanctis patribus constitutã, secūdū praecepta canonū Ecclesiae Bracharēsis rectoribus; eius, in praesētia domui Ioanis perpetuo me exhibiturū promitto et usque sanatum altere proprio manu confirmo.

Quer dizer: Eu Gilberto Bispo de Santa Igreja de Lisboa, prometo para sempre a sujeição e reverencia ordenada pelos santos Padres conforme os preceitos dos canones à Igreja de Braga & a seus prelados, em presença de D. João, & conforme esta promessa até por minha mão em o Santo Altar.»

Esta sujeição é mais um acto político de consolidação nacional, inteligente e hábil, preparado e realizado pelo que foi o grande artífice da fundação de Portugal, o Bispo de Braga, D. João Peculiar, um dos maiores colaboradores de D. Afonso Henriques.

Velhas rivalidades e dissídios entre os Bispos de Mérida, Santiago, Toledo e Braga, primazias e privilégios, metrópoles e sujeições, que já vinham do tempo dos Visigodos eram obstáculos à organização do Novo Estado e à sua completa independência, que deveria ser total, administrativa, militar e religiosa. Foi precisa habilidade e astúcia para os rodear.

O Arcebispo de Braga, primaz, com poderes para nomear D. Gilberto e mais tarde o sagrar, era assim o grande pilar da unidade portuguesa, e um homem como Ele, forte, astuto, preserverante e belicoso marca bem a grandeza do momento histórico da Fundação, ao lado do Rei.

Segundo se infere da *Crónica dos Cónegos regrantes de S.^{to} Agostinho*, parte I, livro V, cap. VII, pág. 251:

«Dom Gilberto foi sagrado pelo arcebispo de Braga, D. João...» e acabada e cerimonia «fizera juramento de obediencia ao dito arcebispo como primaz das Espanhas.»

A confirmação papal foi feita em Paris, em 30 de Março de 1147, por Eugénio III.

Lisboa pertencera à província de Mérida no tempo dos Visigodos, tendo passado, após a invasão sarracena, para Santiago de Compostela, que defendia a sua posição de herdeira dos sufragâneos da metrópole subvertida pelos mouros. Este acto político, que era uma rebeldia, marca a decisão firme da unificação indispensável de poderes sob o mesmo chefe. O Rei orientava e deixava os seus colaboradores agir, não fazendo resis-

tência a tudo quanto não tinha oportunidade ou importância prática na evolução dos acontecimentos. O bispo D. Gilberto instalou a liturgia da Igreja de Salisbury, afinal, a que ele conhecia e usava. Não teve oposição de Braga, que praticava outro rito, no entanto.

Este ritual anglicano perdurou até 1536. Sempre homem de acção, o Rei atendia a todos e a tudo e ao Bispo de Lisboa concedeu rendas de terras que pertenciam aos Templários, mas que convinha, por mais fácil administração trocar, pelo que deu àqueles, outras. Na míngua de sacerdotes ilustrados portugueses, deixou que D. Gilberto constituísse o seu cabido com estrangeiros. É então que o Bispo estabelece na Sé de Lisboa a vida em comum segundo era usada noutras dioceses, em conformidade com a regra canónica, de S.^{to} Agostinho (?). Os clérigos ou cónegos passaram a dormir, comer e a ter participação nas rendas da igreja em regime de comunidade. A Catedral não tinha comodidades nem espaço para construir dormitórios e mais dependências, pelo que Ele fez construir junto do claustro 30 moradias, junto a uma servidão ou rua que durante muito tempo se chamou a «Rua dos Cónegos» (vide *História Eclesiástica*, de D. Rodrigo da Cunha).

D. Gilberto, irrequieto sempre, lutador de uma só fé, cruzado acima de tudo, não pôde ficar atido a viver confinado no claustro místico da sua Catedral e, quatro anos passados sobre a tomada de Lisboa, parte para Inglaterra em serviço de Deus e do seu Rei. Ia aliciar homens para nova cruzada:

«Anno 1151 Gilebertus episcopus olissiponis praedicans in Anglia pluvimos sollicitavit in Hispaniam proficisci.»

Citação que se pode ler no vol. II da *História* de Herculano, 3.^a ed., pág. 411.

O grande historiador diz que D. Afonso Henriques preparava uma expedição contra os mouros da Andaluzia, o que justificava a viagem de D. Gilberto a Inglaterra. Outros historiadores contestam e dizem que se tratava simplesmente da tomada de Alcácer do Sal, baluarte mourisco a ameaçar Lisboa estrategicamente.

Fosse assim ou não, Ele não se poupava a esforços e em 1163, foi a França recomendado por um cruzado e conde francês, procurar Luís VII; a derrota da 2.^a cruzada, preparada por este, estava ainda muito fresca e qualquer diligência feita pelo Bispo no sentido de conseguir ajudas militares, deve ter sido um insucesso. Desenvolvia, como se vê, uma grande

actividade na diplomacia, harmònicamente com o Rei e Clero com vistas a garantir a estabilidade do novo Estado Cristão, Portugal.

A sociedade constituída pelas suas três classes: clero, nobreza e povo, estava unida em torno do seu chefe, D. Afonso Henriques; o inimigo, o mouro, mantinha-a em alerta permanente, mas outros inimigos, Leão e Castela, espiavam a oportunidade de absorver o novo reino e as suas conquistas; contra esses, mais do que a coragem indòmita dos seus guerreiros, pôde a diplomacia do seu clero.

Em 1166, a 27 de Abril (?), com 19 anos de episcopado, morreu D. Gilberto, o 1.º Bispo da Lisboa Reconquistada, cruzado e inglês, escolhido entre 160 sacerdotes e eleito por unanimidade no campo da peleja na tomada de Lisboa.

Foi sepultado na Sé, no Altar-Mor, lugar que a liturgia lhe reservava. O sarcófago, que seria o monumento material da sua passagem pela terra, doloroso é dizê-lo, não existe. Desapareceu há muito tempo. (Leia-se no vol. 6.º, pág. 119, da *Lisboa Antiga*, 2.ª ed., o que o mestre olisiponense Júlio de Castilho, diz:

«... túmulo alto, que passados anos se demoliu por servir de empacho do culto, ou para a construção realizada por D. Afonso IV.»

Em 1344 um terremoto derrocou o lanço principal e sobretudo a capela-mor, que D. Afonso IV reedificou. Devido a outro terremoto, em 1356, tudo o que tinha sido reconstruído tornou a ruir.

Assim o afirma J. S. Mendes Leal em *Monumentos Nacionais*, ed. 1868, na rubrica Basílica de Santa Maria Maior.

Outro monumento do Bispo é citado pelo mestre Castilho, no mesmo volume VI, pág. 194:

«Existia nos cartórios da Sé o documento original da doação da Igreja de Santiago de Santarém aos Templários...»

Existia? O documento estará noutra arquivo, ter-se-á perdido?

Os terremotos e o desmazelo dos homens justificam em Portugal tantos outros prejuízos. Relíquias preciosas da nossa História Medieval estão dispersas ou foram destruídas. Aos eruditos e aos governantes cabe a missão de pesquisar ou promover as respectivas buscas. A nós, apenas o papel de estudiosos contemplativos.

Na tomada de Lisboa, já com os assaltantes desesperados pela resistência dos mouros, construiu-se uma Torre de Assalto que foi colocada junto da muralha e por onde, com temeridade e bravura, passaram os assaltantes, depois do sacrifício de muitos. Diz o cruzado inglês Osberno na sua célebre narração que um *certo sacerdote* se colocou no parapeito mais alto e lugar de máximo risco, para animar os assaltantes elevando nas mãos uma relíquia, o *Santo Lenho*, e pregando em latim:

«Eia, irmãos! A luta vai começar! Mãos ao trabalho! O adversário ataca-nos; mas ninguém tenha medo! É grande conforto para a fragilidade humana saber que a cada um de nós foi destinado um anjo para nos guardar; e para vos conformardes com esta santíssima guarda, lembrai-vos do dito de São Paulo, Doutor das gentes, quando diz aos romanos: — Pagai a todos o que deveis; a quem honra, honra!»

Esse sacerdote poderia ter sido Gilberto de Hastings.

«Reddite omnibus debite, cui honorem, honorem.»

Fevereiro de 1957.

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre Herculano, *História de Portugal*.
Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*.
Fortunato de Almeida, *História de Portugal*.
D. Rodrigo da Cunha, *História Eclesiástica*.
Damião Peres, *História de Portugal* (de Barcelos).
Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal*.
P.^o Miguel de Oiveira, *História da Igreja*.
P.^o Miguel de Oiveira, *História Eclesiástica de Portugal*.
Fr. António Brandão, *Monarquia Lusitana* (1632), 3.^a parte, liv. x.
Fr. Nicolau de Santa Maria, *Crónica dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho*, parte I, cap. VII, pág. 173.
Licenciado António Coelho Gasco, *Antiguidades da Mui Nobre cidade de Lisboa*.
P.^o João Baptista de Castro, *Mapa de Portugal*, 3.^o vol. — Ed. 1763.
Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, vols. IV, V e VI.
Cruzado Osberno, *Narração da Conquista de Lisboa* — Trad. de José Augusto de Oliveira.
José Augusto de Oliveira, *A Cruzada*.
José Augusto de Oliveira, *O Cerco de Lisboa*.
Luís Pastor de Macedo, *Lisboa lés a lés*.
Mendes Leal, *Monumentos Nacionais* — Ed. 1868.

O Sítio de Santo Amaro

*Conferência proferida no Grupo «Amigos de Lisboa»,
a-propósito do dia de Santo Amaro*

por MÁRIO COSTA

NÃO traduz novidade vir aqui dizer-se que o Sítio de Santo Amaro é considerado um dos mais típicos aglomerados urbanos da populosa Alcântara, como não é petulância afirmar-se que o Bairro de Alcântara é um dos mais característicos da nossa Lisboa.

Alcântara é um rosário de nomes de incomparável sonoridade. Deles dimana poesia, lenda, encanto, tradição, história e sentido religioso. A par de Santo Amaro, alinham o Calvário, a Junqueira, as Necessidades, a Fonte Santa, o Sacramento, o Livramento, a Triste Feia, a Cova da Onça, a Horta Navia, a Ponte Nova, o Baluarte, o Sertão, a Meia Laranja, a Estrangeira, a Cascalheira, a Pimenteira, os Sete Moinhos, a Correnteza, os Contrabandistas, as Fontainhas e a Trabuqueta.

Confundem-se com o burgo alcantarensê, tão colados estão a ele, os Prazeres, a Cova da Moura, a Pampulha, os Terramotos, a Serra de Monsanto e o Arco do Carvalhão, para não falarmos em dois símbolos do passado que se foram para dar lugar a novos arruamentos, a Torre da Pólvora e o Chafariz das Terras.

Lisboa — pode afirmar-se afoitamente — neste aspecto, não tem outra freguesia que se lhe compare, nenhuma possui uma tal imensidade de sítios, lugares ou locais tão diversos, cada um deles com a sua feição bem distinta.

Desde quando tem existência a freguesia de S. Pedro em Alcântara? Como se formou o Sítio de Santo Amaro? Qual o carácter da sua antiga romaria anual? Que virtudes curadoras se atribuem ao Santo Taumaturgo, Abade e Bispo na vida terrena?

Tudo isto está dito e redito e se conhece de cor. Mas era preciso que o nosso Grupo fizesse qualquer coisa neste dia 15 de Janeiro, noutros tempos muito festejado, e se recordasse nesta Casa o Santo Popular que o nosso Calendário Gregoriano não olvidou, reservando para sua exaltação e oração solene a data que hoje passa.

Este nosso trabalho, porém, pouco excederá os limites de simples apresentação dos quadros mais flagrantes do Sítio de Santo Amaro, esse lugar estremenho que tanto enobrece o soberano Bairro de Alcântara, o mais febril e excitante do lado ocidental desta Lisboa de encantos, em que o Sol se mostra verdadeiramente como Astro Rei que é, inundando de luz esta cidade que estamos em dizer que é a mais bela e a mais garrida de todas.

Vejamos, pois.

*

A existência da freguesia de S. Pedro em Alcântara ⁽¹⁾ data de 8 de Abril de 1770 ⁽²⁾ e sabe-se que a sua instalação já havia sido ordenada em 11 de Fevereiro do mesmo ano, tendo o Prelado, anteriormente, de acordo com os poderes do Estado (Carta Régia de 18 de Dezembro de 1769), determinado que se transferisse para Alcântara o orago da antiga freguesia de S. Pedro, estabelecida no lado oriental da cidade e cujo templo ruíra com o terramoto de 1755.

Alcântara foi sempre e essencialmente um bairro de gente humilde, boa e sã, mourejadores honrados na busca do pão de cada dia. Considerada como arrabalde de Lisboa desde o século XVI e conhecida como lugar em 1608, foi a pouco e pouco vendo desaparecer as suas inúmeras quintas e hortas, circundadas por velhos caminhos e azinhagas, que originaram novas ruas, travessas e calçadas. Era ridente o lugar, atravessado pela ribeira, bastante larga, de caudalosa corrente, com as belas hortas e quintas de recreio, que alindavam as margens e os pontos elevados. Por isso monarcas e nobres para aí se deslocaram, onde fizeram edificar os seus palácios, que se tornaram suas residências de verão.

Contribuíram para a preponderância e valor do arrabalde alcanta-

(1) Após a mudança do regime político, a partir de 24 de Agosto de 1912, a freguesia civil passou a designar-se oficialmente pelo simples nome de Alcântara (Decreto da mesma data — *Diário do Governo*, n.º 201, de 27 de Agosto)

(2) Autorizada por determinação eclesiástica de 19 de Agosto de 1756.

rense: o estabelecimento do Paço Real do Calvário ⁽³⁾ na moradia que foi de João Baptista Rovellasco, gentil-homem milanês, contratador da pimenta da Mina; a instituição fradesca dos Padres Oratorianos no edifício das Necessidades, que veio a ser residência de monarcas e príncipes e se tornou sede do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros; as outras fundações conventuais, instituídas sob a invocação do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Livramento, de Nossa Senhora da Quietação ou das Flamengas e do Monte Calvário; a sua participação no concelho de Lisboa pela extinção do de Belém; a eliminação das barreiras e serviços fiscais aduaneiros ⁽⁴⁾; a cobertura do infecto caneiro, empresa de tão grande monta que ainda há pouco foi terminada; o estabelecimento da base da nova linha férrea de Lisboa a Sintra e também a passagem pela sua beira do caminho de ferro de Cascais; o serviço de carreiras de «Americanos»; as obras do Porto de Lisboa, com os seus aterros, docas e gares marítimas; e, marcadamente, muito antes de se pensar em directrizes oficiais, a feição fabril que caracterizadamente tomou, e que ainda hoje fazem de Alcântara um bairro essencialmente operário. Lady Jackson, que esteve entre nós em 1873, designou-a «local de grande labutação, miniatura de Manchester» ⁽⁵⁾.

Ao falar-se de Alcântara não deixa de lembrar o que de mais típico e castiço se abrigou nos seus limites e lhe deu um carácter inconfundível, de colorido flagrante.

Esse carácter e esse colorido disputou-os Alcântara à velha Alfama, tornando-se bairro marinheiro, quando dela já herdara o orago a S. Pedro, um dos apóstolos mais populares, tão estremecidamente festejado entre nós em Junho de cada ano.

Em Alcântara se arregimentaram os continuadores dos mareantes timoneiros das naus e caravelas, que vogaram em demanda do desconhecido. E aí, em Alcântara, se vincularam por largos anos ⁽⁶⁾, deixando profundos vestígios das verduras da sua mocidade, febril e descuidada. Formando grupos, a marujada transmitia uma alegria buliçosa aos principais largos e becos do sítio; e quantas vezes esses rapazes, valentes e ousados, tão amantes da estúrdia, se deixavam levar por atitudes menos conve-

⁽³⁾ De construção anterior a 1617, tendo entrado na posse da Coroa no tempo de Filipe I, que o confiscou ao seu proprietário.

⁽⁴⁾ Carta de Lei de 18 de Julho de 1885 e Decreto de 21 de Novembro de 1903.

⁽⁵⁾ *A Formosa Lusitânia*, versão, prefácio e notas de Camilo, pág. 119.

⁽⁶⁾ De 1865 a 1934.

nientes, pondo em cheque a boa ordem do bairro, e davam pasto a notícias de sensação que se liam nas crónicas citadinas dos jornais do dia seguinte.

Algumas dessas praças, modestos componentes da briosa armada, estrénuos cultivadores da canção nacional, preenchião as noites em descantes de grande sabor popular, formando ambiente nas tabernas do sítio. Punham em exaltação os fados mais tristes e fatalistas, que a dolente guitarra acompanhava, em langorosos sons, talvez na sonhadora evocação das horas infindas vividas sobre os mares e oceanos.

Notòriamente turbulentos — atavismo próprio dos homens de alcaixa — e insurrectos por ideologia política, os marinheiros deram sempre mostras dum sentimentalismo nato. Aprumados e desenvoltos, de peles tostadas pelo sol e pelo mar, de andar gingão, flamantes com o seu boné ao lado, ao jeito fadista, de farda branca bem tratada, ou vestidos de azul-ferrete, cores genéricas da marinharia, esses alegres rapazes, camaradas e leais, continuam a ser o espelho vivo dos marinheiros de antanho, que serviram o bravo Gama ou morreram pela Pátria, obedecendo às ordens do intrépido Albuquerque.

*

Santo Amaro, com o troço da Rua da Junqueira que termina na Calçada da Boa Hora, forma o extremo ocidental da freguesia. Tem nomeada desde que 14 freires da Ordem de Cristo, na volta duma peregrinação a S. João de Latrão, em Roma, aportaram junto a uns rochedos, nas faldas do monte que já tinham divisado do mar.

Decorria o ano de 1532. Os peregrinos traziam em mente o voto que haviam feito, no alto mar, quando se viram assolados por grande temporal, de levantar um templo religioso no sítio em que fizessem o desemparque. Decidiram-se a explorar o caminho, subindo até ao ponto mais elevado, e como lhes parecesse aprazível o lugar, de belos ares e formosas vistas, logo o preferiram para o cumprimento da promessa feita. Estava-se a 15 de Janeiro, dia de Santo Amaro, e por isso se escolheu esse antigo frade beneditino para padroeiro da nova Casa de devoção e recolhimento.

A primeira capela, que era um modestíssimo cenóbio, ergueu-se em 1542. Teve a autorização do Papa Paulo III e deu lugar ao actual monumento, que se vê bem no alto do morro, desafiando o tempo e as intempéries e servindo de ponto de referência e observação aos viajantes curiosos, que entram a barra em demanda do porto de Lisboa. Data de 1549, no seu estilo Renascença, com uma configuração invulgar e arquitectura

atraente. Então, sucedendo à Irmandade dos Freires de Cristo, se formou a Real Confraria do Bem-aventurado Santo Amaro de Alcântara, da qual fizeram parte Reis, Príncipes, Patriarcas, a mais alta nobreza, como o Conde da Vidigueira e o 1.º Marquês de Pombal, e categorizados dignitários da Corte.

Governava o Reino o senhor D. João III. Havia dez anos que tinham chegado a Portugal os primeiros membros da Companhia de Jesus.

Todos os anos se festejava, com grande pompa, o Santo Taumaturgo, e na cerimónia inaugural, a 15 de Janeiro, para o que era contratada uma boa orquestra, tomava parte um pregador de fama. Tinha sempre a presença do Senhor Patriarca, assistindo os Monarcas reinantes, que eram provedores natos da Confraria, dissolvida em 1836, em consequência da lei que atingiu todas as Congregações religiosas. O cargo abaixo de provedor era o de escrivão, exercido por altas individualidades da aristocracia. O último foi o Marquês de Sabugosa, paroquiano dos mais ilustres e morador nas vizinhanças da Ermida. Vários Papas concederam indulgências especiais a quem visitasse o templo em certos dias do ano.

Toda a Corte, reis e príncipes eram devotos do Taumaturgo. Em 11 de Janeiro de 1735 — sentavam-se no trono D. João V e sua esposa D. Maria Ana de Áustria — o secretário de estado Diogo de Mendonça Corte Real, teve que recorrer ao vereador do senado ocidental, Jorge Freire de Andrade, em resultado do seguinte aviso que recebera:

«A rainha, nossa senhora, é servida que V. S.^a ordene ao senado da camara concerte com presteza a calçada da Cruz de Santo Amaro, até acima ao adro da sua igreja, aonde determina ir dia do mesmo Santo.» (7)

Acalmados os ânimos que um liberalismo exacerbado tinha excitado, e estando o templo sob o domínio da Junta de Paróquia, aos peregrinos devotos foram franqueadas novamente as portas da preciosa obra de arte religiosa que, após o advento do novo regime, se viu alvo de grandes desacatos e serviu para tudo: moradia de gente pobre, parque de recreio da garotada do sítio, carvoaria e recinto de bailes de casamento!

Em 8 de Agosto de 1927, o velho templo, há muito considerado monumento nacional, e a que Norberto de Araújo chamou presépio da Lisboa popular do século XVI (8), voltou à posse das autoridades eclesiásticas

(7) *Elementos*, por Freire de Oliveira, vol. XIII, pág. 3.

(8) *Legendas de Lisboa*, pág. 112.

e foi entregue a sua administração à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de S. Pedro em Alcântara.

Para admirar a votiva Capela do Santo curador de enfermidades de braços e pernas, lembrada para sede da freguesia na altura em que esta se criou ⁽⁹⁾, ter-se-á que levar de vencida as Escadinhas de Santo Amaro ou calcorrear as asperezas da antiga Calçada da Cruz de Santo Amaro — calçada *brava* lhe chamou Ribeiro Cristino —, hoje simplesmente designada por Calçada de Santo Amaro.

Descrever o pequeno mas formoso templo e citar o seu valioso recheio de azulejos, não está na alçada deste modesto palestrador — que, com manifesta vantagem para V. Ex.^{as}, não pretende ultrapassar os clássicos sessenta minutos atribuídos a estas impertinentes perorações — porque de tudo dá minuciosa e erudita notícia o prezado Consócio Senhor Luís Moita, num magnífico folheto que corre impresso e resultou da primeira visita a esse monumento sagrado, de caprichosa arquitectura, realizada pelo Grupo «Amigos de Lisboa», em 4 de Julho de 1937 ⁽¹⁰⁾.

Contudo, permitam-nos que, como excepção, reedite as palavras que o Padre António Carvalho da Costa escreveu em 1712, a respeito desta simpática e acolhedora casa de oração, muito conhecida dos mareantes, e que teve a sorte de escapar incólume ao grande terramoto:

«A Ermida de Santo Amaro, Imagem milagrosa, he de excellente architectura, em forma redonda, de pedra lavrada, com tres portas, a principal para o Nascente, uma para o Norte, & outra para o Sul: tem tres Capelas, a maior aonde está o Santo, & duas mais no corpo da Igreja, a qual he sugeyta a S. João de Latrão em Roma; tem bom adro com duas Capellas do mesmo Santo, ambas azulejadas, nas quais no seu dia se dizem muitas Missas, aonde concorrem muitos Romeyros seus devotos, & em todo o ano: tem seu Capellão, que diz Missa todos os dias; & um Ermitão, que pede esmola para o Santo; os quais tem casas, em que vivem junto à Igreja, na qual ha hũa Confraria de homens Nobres, que festejam com grandeza a este Santo; cuja Ermida está situada em lugar alto, com deliciosa vista, que se deyxá lograr de

⁽⁹⁾ A planta da freguesia de S. Pedro, que faz parte do Plano de distribuição das freguesias de Lisboa, de 1770, desenhada pelo sargento-mor José Monteiro de Carvalho, indica a sede da paróquia de Alcântara na igreja de Santo Amaro. Estes documentos estão depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e deles possui cópia, desenhada pelo falecido consócio Jesuíno Ganhado, o Grupo «Amigos de Lisboa».

⁽¹⁰⁾ Também é digno de consulta: *Alcântara*, de João Paulo Freire (págs. 177 a 196), onde se fazem valiosas referências e citações; e *Estética cidadã*, de Ribeiro Cristino, pág. 121. O Grupo «Amigos de Lisboa» voltou a visitar a Capela em 7 de Maio de 1950, por ocasião das festas comemorativas do 180.º aniversário da criação da freguesia.

hãa varanda cercada de grades de ferro, cujo sitio he um dos salubérrimos daqueles contornos.» (11)

A quem pertencia o terreno onde a fé dos ignorados freires de Cristo fez levantar esse padrão religioso? Conhecem-se os seus nomes, certamente de dois humildes e modestos hortelões, que desinteressadamente cederam os palmos de terra necessários para que se pudesse realizar o voto consagrado: João Gomes Meireles e sua mulher Brites Dias. Dois nomes sem história, mas que ficaram na história religiosa da Lusitânia.

*

O Santo Amaro era de mui nobre sangue. Filho de Júlia e de Eurítio (ou Eutichio), em cuja família houve senadores de Roma, foi entregue ainda menino ao Patriarca S. Bento, que o educou na vida monástica no Monte Cassino de Itália. S. Mauro, como também lhe chamavam, recebeu o hábito e fez-se monge aos 12 anos de idade e imitou e seguiu as pisadas do mestre de quem era muito amado, e que o apontava como exemplo aos demais. Na sua humildade, exercitou-se em orações e jejuns, excedendo-se a todos os outros monges em santidade e virtudes, resplandecendo na graça de milagres, que S. Gregório recolheu e divulgou. Comia somente duas vezes por semana e em pequenas quantidades. Na Quaresma não trazia túnica nem cogula, mas sim cilício de burel. Dormia em uma cama de cal e areia pisada, em cima de uma manta muito áspera. Levantava-se antes de todos para as Matinas, e antes destas já tinha rezado 50 salmos e às vezes todo o saltério, com muitas lágrimas.

Era muito inclinado a favorecer os pobres, a defender os infelizes, e por isso todos o amavam e tratavam como se fora seu pai.

Um dos maiores milagres, até então apenas cometido pelo apóstolo S. Pedro, foi atribuído a Santo Amaro que andou sobre as águas como se fosse terra firme, prestando socorro a Plácido, que caíra a uma lagoa e estava prestes a afogar-se. Este e outros milagres do frade beneditino, muito venerado em França, estão lembrados na sacristia da capela, no baixo-relevo da pedra do lavabo e em quatro óleos.

Com a bênção de S. Bento, dirigiu-se a França a propagar os princípios da Ordem, e, no caminho, teve conhecimento da morte do Mestre,

(11) *Corografia Portuguesa*, tomo 3.º, pág. 651.

de quem recebeu uma carta e uma caixa com relíquias, com as quais deu saúde a enfermos e vida a mortos.

Quando estava em Cenomania ⁽¹²⁾ e se soube da sua santidade, Floro, mordomo da Casa do Rei, ofereceu uma herdade, onde Santo Amaro fundou um Mosteiro para 40 monges. E assim se dilataram a toda a França, os princípios que regiam a Ordem de S. Bento.

No ano de 576, sentindo-se mal, com «grave dor de ilharga», o que fora Abade e já era Bispo de Verona, pediu que o levassem diante do altar de S. Martinho, e aí, deitado sobre uma manta de burel, recebeu os Santos Sacramentos e expirou.

Santo Amaro, «advogado contra as quebraduras e todos os males das pernas», entregou a alma a Deus Todo-Poderoso com a idade de 62 anos, quarenta depois da fundação do seu Mosteiro ⁽¹³⁾.

Sem que conheçamos a data da santificação do Taumaturgo, podemos constatar que, quando haviam decorrido quase mil anos após a sua morte, é que, entre nós, e em capelinha própria, começou a veneração a Santo Amaro, tendo logo acorrido os crentes, a rezar e a oferecer os seus ex-votos. Não deixaram os poetas ignorados de lhe dedicar seus escritos, de sabor bem popular, como estes, que valem a citação:

«Santo Amaro milagroso
Nosso amigo e advogado
Livrai-nos do mal do corpo
E das penas do pecado.

Derramai Santo bendito
Sobre os tristes pecadores
O poder que Deus vos deu
De sarar penas e dores.»

Em era menos remota, no século sétimo, viveu perto de Andaina, na Flandres, um outro santo do mesmo nome, que por ter nascido morto, lhe chamaram S. Mauro Mortenato. Seus pais, que eram pobres e viviam do trabalho de suas mãos, sentiram muito a perda do filho. Conduziram o cadáver para o altar de Nossa Senhora, e, com repetidas súplicas e lágri-

⁽¹²⁾ Nome de uma região da Gália transalpina, antes da nossa era, derivado do nome dos seus habitantes, de origem celta.

⁽¹³⁾ Fundamentado em: *Flos Sanctorum*, do P.^o Diogo do Rosário; *Pantheon Sacro, templo de Deus vivo, etc.*, do P.^o D. Joaquim de Azevedo; e *A Vida de Todos os Santos*, por Martina Carolina Reboli de Bulhões Maldonado.

mas, obtiveram da Virgem Mãe de Deus a vida do filho. Este S. Mauro, como seu pai, teve o ofício de carvoeiro, vivendo solitário, sempre em oração, e num desses actos de religião o acharam morto. É advogado contra as dores de cabeça, dentes, pernas e outros males. O seu corpo venera-se na Igreja de S. João de Hui, e são-lhe oferecidos braços e pernas de cera, grilhões de ferro, coroas, sal, galinhas, frangos e muitos donativos em dinheiro.

A imagem deste Santo apresenta-se como Eremita velho, descalço, barba loira crescida, cabelos caídos nos ombros, capa comprida, bordão na mão direita e livro na esquerda (14).

*

No ano de 1666, a Rainha D. Luiza de Gusmão fez o voto de fundar, no sítio da ermida de Santo Amaro, um convento de religiosos agostinhos recolectos. E, porque o Rei seu filho, D. Afonso VI, dera bom acolhimento à ideia, logo mandou que o secretário de estado António de Sousa de Macedo se dirigisse ao presidente do senado da Câmara de Lisboa, a solicitar a doação do terreno preciso (15).

Pouco tempo depois falecia a excelsa Senhora, e não se deu execução e forma às intenções da que fora esposa virtuosa do rei restaurador.

Neste planalto se ergueu um pavilhão de madeira, para hospital de enfermos de cólera, e, na Calçada da Santo Amaro, fixou-se em 1892 o asilo do mesmo nome, para velhos de ambos os sexos, de que foram provedores Luciano Cordeiro e o Conde do Restelo. Estava-se ainda longe de dar a esse lugar os fáceis meios de comunicação de que hoje se dispõe: carreiras de eléctricos com destino à Boa Hora e Ajuda e de autocarros da carreira 22, que têm início na Encarnação.

Já que estamos em pleno Alto de Santo Amaro, assinalemos o Casal do Rolão (16), que foi pertença do morgadio dos Saldanhas, cuja família, na pessoa do vice-rei da Índia Manuel de Saldanha e Albuquerque, do Conselho de S. M. Fidelíssima, recebeu de D. José I a distinção que lhe concedeu o Condado da Ega.

(14) *Panthéon Sacro*, vol. 1.º, pág. 284.

(15) *Elementos*, vol. VI, pág. 577-578.

(16) Como escreveu Norberto de Araújo, esse Casal dava continuidade a grandes prédios rústicos que iam de longada pela Junqueira. (*Peregrinações em Lisboa*, liv. 9, págs. 45-47-49-50-53/55).

Também valem citação especial a Quinta da Bruxa, com o seu moinho lendário, de que Rocha Martins nos deixou traços reveladores; o designado Alto dos Moinhos, que hoje se recorda numa modestíssima travessa, que já pertence à freguesia da Ajuda ⁽¹⁷⁾; a Quinta do Clington, com a sua festa do Senhor Jesus, nome que derivou do do célebre general inglês que teve sob o seu comando uma das brigadas de tropas que vieram ao nosso País em 1826 para apaziguar os ânimos aguerridos da política liberal-absolutista ⁽¹⁸⁾; e a Quinta que serviu de logradouro ao palacete de D. Maria de Melo, mui dada a divertidas excentricidades, como igualmente seu pai, o fidalgo-estúrdio D. Tomás de Melo ⁽¹⁹⁾.

Junto à Capelinha de Santo Amaro, teve a sua sede própria a Sociedade Musical Alunos de Harmonia, a que vulgarmente chamavam «Sociedade do Largo», formada em 1868 por dissidência de alguns sócios da Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia, da Travessa do Conde da Ribeira, que por sua vez se designava abreviadamente por «Sociedade da Travessa».

Essas duas sociedades, com o Grupo Dramático e Musical Apolo, da Rua da Indústria, formaram em 1946 (13 de Março) uma nova agremiação patrocinada pela Federação das Sociedades de Educação e Recreio e que ficou a denominar-se Academia de Santo Amaro.

A «Sociedade do Largo», aquela que atingiu o mais elevado grau de progresso, foi a organizadora de marchas populares, que tomaram parte em festas da cidade. A sua antiga sede, atingida irremediavelmente pelas imposições urbanísticas, sofreu completa demolição, e nos velhos caboucos ficou afundada a história da octogenária colectividade, tão rica de tradições dramáticas e recreativas. O novo edifício que, como o anterior, se deve principalmente ao espírito de sacrifício e dedicação de muitos associados, os indispensáveis «carolas», situa-se no mesmo Alto da Colina, em rua que ainda não recebeu nome próprio, estando identificada pela primeira letra do alfabeto. A construção é de risco moderno e adequada às funções da Sociedade — dramática, recreativa e de instrução popular —,

⁽¹⁷⁾ A um desses moinhos iam levar a moer os ossos queimados para a fábrica de refinação de açúcar dos Pinto Basto, instalada na Vila de Santo António, na Junqueira (*Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa*, por Luís de Pina Manique — *Boletim Geográfico e Cadastral*, vol. 3.º, ano 1943).

⁽¹⁸⁾ Dentro da quinta mandou D. Maria II edificar uma casa e tudo ofereceu a rainha ao seu médico particular, sendo mais tarde adquirido por José Estêvão de Assis Sousa Clington, sobrinho do general do mesmo nome.

⁽¹⁹⁾ *Lisboa de ontem e de hoje*, de Rocha Martins, pág. 113.

de cujo terraço se desfruta um dos mais belos panoramas de Lisboa, com grande vista até à barra do Tejo e montes da Outra Banda.

A nova propriedade foi levantada pelo construtor José Alves Reis, sob projecto do arquitecto António José Pedroso e engenheiro Francisco José Pedroso, abrange 300 metros quadrados de superfície e importou em cerca de 1.300 contos, tendo o Estado participado com 400 contos. Foi inaugurada em 9 de Fevereiro de 1956, tendo-se lançado a primeira-pedra em 22 de Agosto de 1954. O teatro, que fica no 1.º andar, tem uma plateia com 255 cadeiras, que pode ser armada em salão de baile, balcão para 155 lugares, duas frisas e catorze camarotes.

Sempre que, nos pequenos burgos citadinos, como nas aldeias, tem existência mais duma destas agremiações, as suas actividades trazem sempre desinteligências, mal-entendidos, rivalidades, entre as diferentes massas associativas. E, como não podia deixar de ser, *repetiram-se os fados*, na vida da «Sociedade do Largo» e da «Sociedade da Travessa», que decorreu a par, durante cerca de oitenta anos.

Podiam contar-se muitos desses incidentes, ainda na memória dos velhos e guardados fielmente pela tradição. Os episódios de maior contun-dência ocorriam em dias de grande festa, quando as duas bandas se encontravam na rua. Então, era quase inevitável entrarem em vias de facto os representantes de uma, com os elementos da outra filarmónica, e os instrumentos serviam, a um tempo, de arma agressiva e defensiva. Consequentemente, era forçoso suspender a manifestação festiva, regressando os músicos executantes às respectivas bases, não sem que alguns deles tivessem que passar pela farmácia mais próxima, e que os instrumentos recebessem reparação geral.

Não resisto a reeditar um acontecimento de tomo, que foi contado por um nosso amigo, na «palestra recreativa» integrada nas festas da freguesia realizadas em 1950:

«Como era costume de então, a seguir às récitas havia petisqueira que entrava quase sempre pela madrugada, e, nessa noite, o prato afamado era de fava-rica, esse precioso e tão lisboeta cozinhado, dessa vez servido em pequenos tachos de barro adquiridos para o efeito. Por entre ruidosa alegria, iniciou-se a patuscada, a que fazia as devidas honras o vinho tinto de apurada qualidade. Entre os convivas encontravam-se alguns adeptos da vizinha e rival «Sociedade da Travessa», e, palavra puxa palavra, os ânimos foram aquecendo, tanto pela discussão à volta das duas filarmónicas como pela acção do vinho que surrateiramente ía produzindo os seus efeitos; em dado momento passaram alguns das palavras aos factos, começaram a voar os primeiros tachos com o precioso petisco, e, às duas por três,

não se viam senão por entre acesa refrega, fatos e rostos pingando molho de favarica e tachos feitos em estilhaços.»

Alfredo de Mesquita, escreveu:

«A filarmónica é, na vida portuguesa, um elemento constantemente activo de vitalidade e rejuvenescimento.»⁽²⁰⁾

E Lady Jackson foi mais objectiva, afirmando quando se referiu a Alcântara:

«É um local altamente filarmónico: tem cinco bandas musicais; uma é de rapazes flautistas e bandurristas, as outras são instrumentais a valer: os músicos são obreiros e rapazolas das fábricas. Em Alcântara trabalha-se toda a semana; mas o domingo é dia cheio de folia; ali é que se usa mais popular a cantilena do *Sol-e-dó*.»⁽²¹⁾

No antigo palco da «Sociedade do Largo», como agora na nova sede da Academia de Santo Amaro, têm subido à cena peças de grande espectáculo, de que se destacam *Inês de Castro*, *O Conde de Monte Cristo* e *A Tomada da Bastilha*, do velho repertório; *A Severa*, do académico Dr. Júlio Dantas, e *Recompensa*, do consagrado Dr. Ramada Curto. Carlos Lopes, um novo que já levou para os teatros públicos muitos trabalhos de colaboração, bairrista como os melhores, estreou-se aqui com a revista *Allô! Allô!*, música de Cesário Salvador, que deu mais de 200 representações, a que se seguiram, do mesmo autor, a opereta *Fonte dos Milagres*, a revista *Cabaz de Frutas*, o drama *O Enigma* e a opereta *Santo Amaro*, de que fez parte a «marcha popular» do bairro, que se exibiu nas festas comemorativas do 8.º centenário da fundação da nacionalidade.

Muitos foram os amadores dramáticos, os chamados «furiosos», que representaram nesta popular colectividade, alguns dos quais passaram ao profissionalismo, como Abílio Alves, João Pio, Emílio Correia e Renato Chaves.

Distintos artistas dos nossos teatros passaram pelo palco da antiga «Sociedade do Largo», e, no corrente mês de Janeiro, o actor João Vilaret encheu a cena do novo teatrinho, preenchendo, no que é exímio, três espectáculos com a peça *Esta noite choveu prata*.

Últimamente, também na Academia de Santo Amaro se exibiu o teatro de «Marionettes».

⁽²⁰⁾ *Alfacinhas*, pág. 15.

⁽²¹⁾ *A Formosa Lusitânia*, pág. 119.

Os moradores de Santo Amaro demonstraram igualmente grande «aficção» por corridas de touros, tomando a iniciativa de fundar, em 1893, o Clube Tauromáquico de Santo Amaro, talvez em despique com os seus co-paroquianos da parte central, que nesse mesmo ano deram existência ao Grupo Tauromáquico Teodoro Gonçalves (22).

*

Na eminência do monte erguem-se as ricas construções ordenadas em 1904-1905 pelo extinto Marquês de Vale Flor, José Constantino de seu nome civil. Plebeu de nascimento, foi afortunada a sua vida em S. Tomé, chegando a ser um dos mais ricos proprietários dessa ilha que se perde nos mares do Atlântico Sul. Foi distinguido por D. Carlos I, tornando-o visconde, por decreto de 3 de Maio de 1890, e, finalmente, de conde foi elevado a marquês em 7 de Novembro de 1907. Do Rei D. Manuel, recebeu a grande honra que o fez Par do Reino, mas, entretanto, dando-se o advento da República, não chegou a ocupar a cadeira a que teria direito.

O palácio residencial e todo o conjunto das outras grandes edificações são de notável arquitectura. Tudo é grandioso. As próprias cocheiras são uma maravilha e as equipagens e as parelhas de cavalos causavam a admiração geral, quando desfilavam pelas ruas da cidade.

O risco das propriedades, em que colaborou o genial Ventura Terra, é do italiano Nicola Bigaglia e de José Ferreira da Costa, e nas pinturas trabalharam Carlos Reis, Constantino Fernandes, Eugénio Cotrim e outros (23).

Também é de notar uma série de palacetes ou moradias, de construção muito mais recente, em terrenos adjacentes, que durante muitos anos o marquês guardou para si, evitando vizinhanças importunas, com edificações de propriedades de grande cêrcea, que emparedassem as suas.

A Marquesa de Vale Flor, em sua vida, doou o capital de mil contos, para estabelecimento da «Fundação Vale Flor», destinada a perpetuar a memória de dois filhos, falecidos ainda moços. Servindo de incentivo à mocidade, o rendimento do fundo, administrado pelo Montepio Geral, destina-se a premiar anualmente actos de honestidade, humanidade, abnega-

(22) *Lisboa das Toiradas*, de Pepe Luís, pág. 132.

(23) *Lisboa de ontem e de hoje*, pág. 116. *Peregrinações em Lisboa*, liv. 9, pág. 46.

ção, generosidade, sacrifício e coragem praticados por dois menores (cada um do seu sexo), de nacionalidade portuguesa, residentes em território nacional e que sejam pobres ⁽²⁴⁾.

A mesma senhora também deu possibilidades à organização do «Instituto Marquês de Vale Flor», que tem por fim promover estudos e trabalhos científicos sobre as nossas províncias ultramarinas, tendo em vista a melhoria das condições de vida locais, especialmente em S. Tomé. Para tanto, foi destinado o capital de dez mil contos e o palácio de Santo Amaro, instalando-se neste, por vontade da doadora, um museu ultramarino.

A meia encosta desenha-se uma clareira arborizada, o chamado Jardim de Santo Amaro, onde a petizada se recreia, servindo também de passatempo aos velhos, para quem a vida não é mais do que o arrastar da longevidade e sofrimento. É pena que faltem esses aprazíveis recintos, em muitos bairros da capital, mormente nos de idade recente.

Nesse ponto se entrelaçam algumas ruas de traçado geométrico, em cujos cunhais se lêem os nomes de grandes homens que à poesia se entregaram inteiramente, como Luís de Camões, Gil Vicente, Bocage, Soares de Passos, Sá de Miranda, João de Lemos, Nicolau Tolentino, João de Barros e Filinto Elísio (nome literário do Padre Francisco Manuel do Nascimento, o enamorado de *Alcipe*). Fazem-lhes boa companhia a Rua dos Lusíadas (nome que substituiu o do conselheiro Pedro Franco, figura preponderante no extinto Concelho de Belém), a Rua Jau (evocativa do servo que fielmente acompanhou o grande lírico, cantor das glórias lusíadas) e a Rua Avelar Brotero, esta em consagração de um distinto lente de botânica; e porque a ciência o levou, muitas vezes, ao contacto com as flores, fica assim bem este nome a emparceirar com os poetas, tanto mais que o ilustre pedagogo foi afectuoso amigo de Filinto Elísio.

*

O Sítio de Santo Amaro tem já foros de grande burgo e não esconde os seus pruridos de independência. É um lugar de características bem nítidas, e a sua expansão e desenvolvimento marcam um nítido progresso. Entrou no seu regular crescimento a partir de 1887, quando o Município adquiriu a maior parte do já designado Casal do Rolão, onde se pensou

⁽²⁴⁾ Estatutos aprovados pela Direcção-Geral da Assistência em 27 de Dezembro de 1945. *Diário do Governo*, 1 série, de 2 de Janeiro de 1946.

criar um bairro para operários⁽²⁵⁾. Nesse ano também passou a propriedade camarária, uma apreciável parcela da Quinta dos Sabugosas, o que tornou possível a abertura de novos arruamentos, a que foram dados os nomes de Luís de Camões e do Conselheiro Pedro Franco, hoje dos Lusíadas. Esta artéria, a mais extensa do sítio, estende-se igualmente por arborizados terrenos que fizeram parte da desaparecida Quinta ou Tapada de Alcântara, em cuja área se talharam também as ruas da Creche e do Conselheiro Nazaré, depois Leão de Oliveira. O terreno preciso para esta obra de interesse público foi cedido gratuitamente em 1876⁽²⁶⁾ pela Fazenda Real à Câmara Municipal de Belém, vendendo-se o restante para edificação das propriedades que formam o enorme bloco que está à vista. No final do primeiro quartel deste século, um moderno bairro surgiu, nos terrenos da antiga Empresa Industrial Portuguesa, conhecida por Empresa Burnay, ficando limitado pelas ruas de Luís de Camões, dos Lusíadas, da Indústria e de Filinto Elísio.

Os limites de Santo Amaro não se determinam facilmente, mas pode tentar-se o desenho da sua linha de cintura. Partindo do ponto em que a Rua 1.º de Maio se desliga do Sítio do Calvário, entramos na Rua Luís de Camões, cortamos à direita para tomar a Rua dos Lusíadas, dobramos a Travessa da Tapada em direcção à Calçada do mesmo nome, e, prosseguindo até à Travessa dos Moinhos, contornamos os domínios do Liceu D. João de Castro, para seguir em direcção à capelinha do Santo, fechando o cerco no sopé da encosta, onde começam as Escadinhas e a Calçada de Santo Amaro, que se defrontam com os «car-barns» dos eléctricos.

Dentro dos limites apontados, acolhem-se alguns milhares de almas, número que se eleva dia a dia, devido à crescente urbanização resultante do aproveitamento de terrenos vagos.

O que foi no passado, o Santo Amaro ribeirinho, antes dos grandes aterros e das Obras do Porto de Lisboa? Tentemos dar um pouco dos seus traços, mau grado a carência de méritos para pintar o quadro com as suas cores naturais.

O lugar por onde, desde 1874, se dispersam as instalações da Companhia Carris de Ferro⁽²⁷⁾, e mais terrenos do nascente, tudo era domínio

(25) *Lisboa*, de Alfredo de Mesquita, pág. 511.

(26) Carta de Lei de 12 de Abril e Decreto de 28 de Outubro.

(27) Fundada no Rio de Janeiro em 1870 e transferida a sua sede para Lisboa em 1876. Estabeleceu contrato de arrendamento com a Lisbon Electric Tramways, Ltd., de Londres, em Julho de 1899.

da Quinta dos Álamos, «vasta e linda» na classificação do nosso ilustre Consócio Senhor Mário de Sampayo Ribeiro, elucidando igualmente que esses terrenos, com as suas grandes casas nobres, representavam o vínculo que parece ter sido instituído por Luís de Saldanha, por alcunha o «Santo Amaro», em bens doados a seu pai por El-Rei D. João III. Pelo casamento dum descendente dos Saldanhas, a propriedade entrou na posse dos Condes da Ponte, e assim passou a denominar-se. Em dependências dessa grande quinta, armazéns térreos e de abóbada do terraço ⁽²⁸⁾, funcionaram durante algum tempo, a seguir ao terramoto de 1755, os serviços da Alfândega, que tinha à sua beira um porto marítimo ⁽²⁹⁾. E, em 1846, deu guarida às instalações da fábrica de tabacos do Contrato do Tabaco, Sabão e Pólvora, cujos operários prestavam culto a Nossa Senhora das Dores ⁽³⁰⁾.

Anos decorridos, nas águas do Tejo que beijavam os areais vizinhos da antiga Fábrica do Ratton, lançou-se uma doca flutuante, que aí esteve fundeada por mandado do Conde de Daupias, a cuja cerimónia presidiu o Conselheiro Latino Coelho, como ministro da Marinha ⁽³¹⁾. E, para que Santo Amaro não se desligasse por completo da história do Porto de Lisboa, o seu nome está a designar a doca que se avizinha da Gare Marítima de Alcântara.

Se contemplarmos todo o conjunto, e especialmente o pouco que, de tal época, ainda se conserva de pé, ninguém dirá que se ergueu aí uma das melhores casas solarengas dos arrabaldes da cidade, na qual, a partir de Dezembro de 1864, esteve estabelecido o Asilo de D. Luís I, para crianças abandonadas ⁽³²⁾. O Terramoto atingiu seriamente esta propriedade, nomeadamente a parte ajardinada que, invadida pelas águas do rio, sofreu devastação completa, perdendo-se os formosos álamos, que nos antigos tempos deram nome à propriedade.

⁽²⁸⁾ *Recordações de Jácome Ratton*, 2.^a ed., pág. 22. — *A Ribeira de Lisboa*, de Júlio de Castilho, vol. 2.^o, pág. 101.

⁽²⁹⁾ Daí foi transferida para a parte de baixo do grande dormitório do Convento dos Jerónimos, em Belém, e mais tarde para um barracão de madeira que se construiu no Altinho, junto do Forte de S. Pedro, onde está a casa que foi do Marquês de Angeja (*Recordações de Jácome Ratton*, pág. 23).

⁽³⁰⁾ *Ruas de Lisboa*, de Gomes de Brito, vol. 3.^o, pág. 42.

⁽³¹⁾ *Memórias do Prof. Melo Breyner*, vol. 1.^o, pág. 254.

⁽³²⁾ Instituído por legado de Manuel Pinto da Fonseca, o «Monte Cristo», ficando sob a protecção do Rei D. Luís (Alvará de 30 de Junho de 1863). O presidente da comissão de execução do legado era o 3.^o Marquês de Sabugosa, então governador civil do distrito. O Asilo transitou em 1874 (Decreto de 10 de Abril) para o edifício e igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila, fundado em 1660 pelo Arcebispo da Sé de Lisboa, Fernão Cabral.

Uma interessante vista de Lisboa datada de 1763, que o nosso falecido Consócio Dr. Perry Vidal estudou detalhadamente ⁽³³⁾, e a que o já citado escritor e distinto cantor-mor da «Poliphonia», feliz organizador desse agrupamento artístico, também fez comentários ⁽³⁴⁾, mostra-nos essa quinta, na parte que olha para o rio, em cujo lado oriental, já pròpriamente praia do Calvário, o francês Jácome Ratton montou uma das suas fábricas.

Pensa o nosso Município, em prosseguimento do seu programa de urbanização de Lisboa, proceder ao prolongamento da Rua Luís de Camões, até à Avenida da Índia. Uma vez realizado esse projecto, terá que demolir-se o edifício da administração e dos escritórios da Carris, cujas instalações ficarão divididas em duas parcelas, mantendo-se, porém, intactos, os «car-barns» e as oficinas ⁽³⁵⁾.

Será o último golpe de misericórdia no que ainda resta do passado já distante!

Teria agora natural cabimento a citação das principais fases da Companhia Carris de Ferro de Lisboa. Mas a sua história, a publicar em breve oportunidade, está documentalente feita pelo nosso ilustre Consócio senhor Engenheiro António Pais de Sande e Castro, que a esse estudo muito se tem dedicado ⁽³⁶⁾; e o senhor António Aluízio Jervis Pereira, distinto funcionário superior dessa octogenária Companhia, quando da visita do Grupo «Amigos de Lisboa», em 6 de Novembro de 1949, às instalações em Santo Amaro e nas Amoreiras, duma forma clara e elucidativa, e ao mesmo tempo breve, expôs o que mais podia interessar na vida da Empresa que, em Novembro de 1873, estabeleceu em Lisboa o serviço dos chamados «carros americanos por tracção animal» ⁽³⁷⁾.

Seguidamente, cumpre citar o palácio da ilustríssima família Sabugosa, de nobres condes e marqueses, cujos antepassados, como servidores do Reino, foram vice-reis e se notabilizaram em feitos heróicos. Entrou na geração dos Melos, titulares do condado de S. Lourenço da melhor linhagem lusitana.

Os fundamentos desse velho solar datam de 1605, tendo passado por transformações consideráveis em 1788 e ainda aumentado em 1898

⁽³³⁾ *Olisipo*, n.º 2.

⁽³⁴⁾ *Do Sítio da Junqueira*, pág. 22.

⁽³⁵⁾ Tem muito interesse um artigo do senhor Eng. Sande e Castro, que insere notas inéditas sobre o palácio de Santo Amaro (*Lisboa Carris*, n.º 9).

⁽³⁶⁾ *Do Rio a Londres com escala por Lisboa* (*Lisboa e seu termo*, vol. 2.º) e *A Vida atribulada de uma Companhia Lisboeta de Viação* (*Olisipo*, n.º 65).

⁽³⁷⁾ *Olisipo*, n.º 50. — Cita-se também *50 Anos de tracção eléctrica*, ed. da Companhia Carris, 1951.

— di-lo o malogrado Carlos Malheiro Dias num artigo que escreveu ⁽³⁸⁾, a que o último conde de Sabugosa deu as honras de transcrição na sua obra póstuma ⁽³⁹⁾.

A fachada, de architectura banal e singela, ao gosto seiscentista, não pode revelar o seu rico e maravilhoso recheio e muito menos os conciliábulos políticos que as vetustas paredes tão ciosamente guardam ⁽⁴⁰⁾.

A Quinta Cesárea ou de S. Lourenço, foi de grandes proporções no passado, mas hoje só pelo lado norte, e um pouco para o poente, acompanha o nobre solar dos Sabugosas ⁽⁴¹⁾. Foi muito retalhada, para que se abrissem novas ruas, como já dissemos. Por entre os seus renques de verdura, e na companhia do 3.º marquês (António Maria José da Silva César de Meneses) ⁽⁴²⁾, passearam o insigne poeta Bulhão Pato e o ínclito historiador Alexandre Herculano ⁽⁴³⁾, que mais expressiva e respeitosa-mente se guarda sob o cognome de «O Exilado de Vale de Lobos». E quantos escritores, poetas, dramaturgos, políticos e homens de estado teriam passado pelos aristocráticos salões de Santo Amaro, no tempo do 5.º Conde de Sabugosa, António Maria José de Melo César de Meneses ⁽⁴⁴⁾, escritor e poeta, que deu grande lustre às letras, bacharel em Direito e diplomata, mordomo-mor da Casa Real, Grã-Cruz das Ordens de Cristo e Santiago, par do Reino, sócio efectivo da Academia Real das Ciências, componente dos mais ilustres do grupo «Vencidos da Vida».

Na noite do casamento de seu irmão e Rei D. Afonso VI, aqui se aposentou o Infante D. Pedro, num obcecado pensamento por sua cunhada e futura esposa, D. Maria Francisca Isabel de Saboia, que o prendera súbitamente numa paixão desesperada.

Tomás Pinto Brandão, o irrequieto e jocoso poeta popular do século XVIII, que em 1719 morava numa casinha perto da Capela de Santo Amaro ⁽⁴⁵⁾, era frequentador assíduo deste aristocrático palácio, onde recebeu farto agasalho e se guardam as obras inéditas manuscritas do autor do *Pinto Renascido*. O seu retrato figura a um canto da biblio-

⁽³⁸⁾ *Cartas de Lisboa*, vol. 2.º, pág. 127. É de grande valor este artigo, a que o autor fez um aditamento que publicou no vol. 3.º, pág. 276.

⁽³⁹⁾ *Vasco Fernandes César*, pág. 16.

⁽⁴⁰⁾ Consultar *Inventário de Lisboa*, fasc. 7, págs. 11 a 16.

⁽⁴¹⁾ As cocheiras situavam-se em frente, no lugar onde esteve uma fábrica de moagem.

⁽⁴²⁾ Nasceu a 6 de Julho de 1825 e faleceu a 2 de Dezembro de 1897.

⁽⁴³⁾ *Memórias do Prof. Melo Breyner*, vol. 1.º, pág. 10/11. — *Lisboa de ontem e de hoje*, pág. 187. — *Peregrinações em Lisboa*, liv. 9, pág. 43.

⁽⁴⁴⁾ Nasceu em 1854 e faleceu a 21 de Maio de 1923.

⁽⁴⁵⁾ *Amores de Vieira Lusitano*, por Júlio de Castilho, pág. 77.

teca, entre os dos grandes chefes da família da Casa, e as cinzas, no dizer de Malheiro Dias, repousam não longe daí, no adro da igreja do Calvário ⁽⁴⁶⁾, em desacordo com Alberto Pimentel, que dá o poeta chocarreiro, bem recebido na corte de D. João V, como enterrado na paróquia de Santos ⁽⁴⁷⁾.

Após a grande derrocada sofrida, quando do Terramoto, num «quarto térreo sobre o jardim da casa do Conde de S. Lourenço, a Santo Amaro» — di-lo ele próprio — morou Jácome Ratton, porque então, aí bem próximo, funcionavam os serviços da Alfândega ⁽⁴⁸⁾. E, na grande cerca, na parte sobranceira ao palácio e jardim, entre 1851 e 1855, funcionou o Jardim Mitológico ⁽⁴⁹⁾, divertimento popular, género Luna-Parque, um dos precursores do Parque Mayer, que teve como empresário o industrial pirotécnico José Osti, o que primeiro meteu ombros ao fabrico em Portugal de palitos fosfóricos e foi assim o introdutor de tal uso entre nós ⁽⁵⁰⁾.

Tudo já vai tão distante! O Jardim Mitológico tinha duas entradas, pelo lado poente do jardim, onde se abriu a Rua Luís de Camões, e na Rua Direita do Calvário; e, quem sabe se, onde existia esta comunicação, não estará agora a «Estrela da Manhã», o estabelecimento mais popular do sítio e um dos centros de cavaco dos bairristas «enragés», a quem o popular «Nepa», no exercício da sua profissão, o mais solícitamente que é possível, *mata a sede* de informação a esses frequentadores, com a venda dos «periódicos» que oferecem as notícias da última hora. A inauguração deste estabelecimento quase coincidiu com o encerramento de outro, do mesmo negócio, situado na esquina da Rua Luís de Camões, de nome «Pastelaria União», pertencente a José Lopes, que deu lugar a uma casa de aparelhos eléctricos, da firma Soter, Lda.

Pelos conhecidos documentos iconográficos do século XVII, que mostram o velho Sítio de Santo Amaro e sua Ermida ⁽⁵¹⁾, pode, de algum

⁽⁴⁶⁾ *Cartas de Lisboa*, vol. 2.º, pág. 144.

⁽⁴⁷⁾ *As Amantes de D. João V*, pág. 116. — O último Conde de Sabugosa também se refere ao poeta (*Vasco Fernandes César*, págs. 18 a 21).

⁽⁴⁸⁾ *Recordações*, pág. 22.

⁽⁴⁹⁾ Um exemplar de *O Gratis Lisbonense* (n.º 8, de 13 de Julho de 1851), que reproduz a planta do jardim, e as anotações feitas pelo saudoso Eng. Vieira da Silva, a quem pertenceu esta rara espécie bibliográfica, garantem-nos que foi aqui que esteve localizado este recinto de diversões, e não na Quinta do Conde da Ponte.

⁽⁵⁰⁾ Outras diversões da mesma espécie: Floresta Egípcia, Jardim Chinês, Salão Tivoli, Jardim de Itália e Paraíso de Lisboa. Consultar: *Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa*, do autor.

⁽⁵¹⁾ Veja nota complementar.

modo, visionar-se o aspecto do escarpado em que se cavou o primitivo escadório, de certo o caminho mais cómodo para chegar à ermida, que se vê muito bem desenhada; e outrossim pôr em mente as terras ribeirinhas, pertença do rico morgadio dos Saldanhas, que em 1716 aforou a José de Saldanha de Sousa Meneses, fidalgo da Casa Real, e próximo



O velho Sítio de Santo Amaro e sua Ermida

(Gravura de Stoop)

parente dos Saldanhas da Quinta dos Álamos, algumas braças de terreno, à face da estrada, onde no ano anterior o novo proprietário já mandara construir o palácio predecessor do que lá se vê hoje, a formar esquina com a Calçada de Santo Amaro ⁽⁵²⁾.

⁽⁵²⁾ Dos Saldanhas que neste sítio deixaram vestígio e notoriedade, dá-nos o senhor Sampayo Ribeiro preciosos elementos de história e biografia (*Do Sítio da Junqueira*, págs. 12 a 20).

O P.^o João Baptista de Castro, no seu *Mapa de Portugal Antigo e Moderno* (1.^a ed. publicada em 1758), citou essa propriedade, descrevendo-a:

«... um espaçoso jardim em terraplano tão místico da praia, que as aguas da visinha ribeira lhe estão pelas marés batendo nos muros. Compunha-se, além da excelente horta, de copados arvoredos frutíferos, e silvestres quasi sempre frondosos. Toda esta viçosa, e verde formosura, se vio lastimosamente no dia do terremoto desfeita, e desfigurada; porque embravecidas, e alteradas as aguas do mar visinho, rompendo o freio das praias ao primeiro estremecimento da terra, avançaram, desfizeram, e salmouraram tudo em breves minutos: introduzindo-lhe dentro pasmosamente com a resaca das ondas grandissimos mastros de navio.»⁽⁵³⁾

Esse imóvel setecentista foi adquirido em 1828 por José Ferreira Pinto Basto, que nele fez grandes obras de reconstrução em 1829-30. Lá viveu em grande opulência, com os seus quinze filhos, desde que retirou do seu solar do Loreto, que já era pequeno para a sua numerosa família, até que se finou, em 1839.

Nascido no Porto, esse notável negociante, industrial, lavrador e político muito ilustrado, protector das artes, da instrução e das instituições de caridade, fundador duma distinta dinastia, ocupou na sociedade um lugar de verdadeiro destaque, e, na sua casa de Santo Amaro, promoveu muitos banquetes, recepções e festas de grande esplendor, a que concorria a nobreza da época. O velho Pinto Basto chegou a reunir à sua mesa de jantar, 80 pessoas de família.

As cocheiras deste palácio situavam-se na esquina oposta, na face da Rua 1.^o de Maio, a seguir à casa de pasto de tipo «fora de portas», muito frequentada pelo pessoal da «Carris».

No lugar onde recolhiam as carruagens e cavalos pertencentes a Pinto Basto, o barracão com o n.^o 144, funcionou o Teatro do Calvário, inaugurado a 18 de Agosto de 1852, e de que foi director o actor Filipe, natural do Brasil, conhecido pelo «Papagaio Saloio». Servira antes para a realização de récitas de amadores e veio a dar guarida a uma serralharia de Léon Dargent, que deu lugar à fábrica de serração de madeiras e depósito de materiais de construção, pertencente à firma Vidal Lourenço de Carvalho, Herdeiros⁽⁵⁴⁾.

⁽⁵³⁾ Lug. cit., tomo 3.^o, pág. 125.

⁽⁵⁴⁾ *O Século*, de 13 de Maio de 1956, anunciou o leilão extrajudicial de toda a existência e trespasse do armazém e oficinas.

Tem abundante história o «casarão horrendo», como lhe chamou o Dr. Artur Lamas, que tem sido designado por «Palácio Ferreira Pinto», «Palácio de Santo Amaro» e «Palácio Alarcão» (porque pertenceu a José Osório Cabral de Alarcão), mas dele não nos podemos ocupar desenvolvidamente. Dá notícia circunstanciada o *Livro do Centenário da Fábrica da Vista Alegre*, em artigo-apêndice daquele ilustre numismata ⁽⁵⁵⁾. É hoje propriedade da firma J. B. Cardoso, Lda., nele estabelecida com Fábrica de pregaria e artigos de arame.

O jardim ocupava grande área, «ia em rampa até à ermida de Santo Amaro» — di-lo o professor Melo Breyner que, enquanto moço, viveu no andar nobre do palácio, após a retirada do nosso País do Duque de Montpensier, filho de Luís Filipe, que entrou em Portugal como exilado político e se instalou nessa casa a 3 de Agosto de 1868, saindo poucos meses depois, de regresso a Espanha, que já destronara a rainha Isabel.

Da vizinhança com os Sabugosas, parentes do ilustre médico, resultou uma intimidade muito amiga, com frequentes manifestações de cultura.

Seria fastidiosa a enumeração dos muitos proprietários e inquilinos, ligados a este palácio, de perfil estranho e inestético.

À lista que figura no trabalho citado, podemos acrescentar o Colégio do Mestre de Avis, instalado desde 1933 a 1942; e o clube desportivo favorito de Santo Amaro, o União Foot-Ball Lisboa, que se ligou em 18 de Setembro de 1942 com o Carcavelinhos Foot-Ball Clube, «enfant gâté» da população genuinamente alcantarense, que não esquece os bons tempos do *pontapé na bola*, no antigo Campo da Feira de Alcântara, sem balizas, sem redes... e sem árbitro.

As características dum e doutro foram sempre tão diferentes, que ainda hoje, no Atlético Foot-Ball Club, resultado da fusão dos dois grupos, se revelam, com nítida expressão, os antigos simpatizantes do primeiro e os adeptos do segundo.

Mais uma nota histórica, em que se envolve o nome da que havia de ser a mais feliz intérprete da canção nacional. Nos tempos do União, em modestos compartimentos do rés-do-chão, com uma sua tia viveram as irmãs Amália e Celeste Rodrigues, tendo a primeira cantado numa festa que aquela colectividade desportiva promoveu no jardim do palácio.

⁽⁵⁵⁾ Norberto de Araújo também se ocupou deste palácio (*Peregrinações em Lisboa*, liv. 9, pág. 43).

Um dos proprietários e morador do «Palácio de Santo Amaro» foi o Conselheiro Dr. João José Mendonça Cortês, figura de destaque na política e no meio económico e financeiro do País, que no apogeu da sua carreira sofreu uma derrota formal, que o levou ao exílio no estrangeiro. Era formado em Direito e Ciências Naturais pela Universidade de Coimbra e aí se doutorou e foi Lente Catedrático. Como militante do partido reformista, foi eleito Deputado, ascendeu a Par do Reino, ministro de Estado e vogal efectivo do Tribunal de Contas. Pertenceu à Associação Comercial de Lisboa, entrou para a direcção de várias empresas comerciais, adquiriu a propriedade da Livraria Bertrand, quando ela pertencia a Saraiva de Carvalho, fez vários inventos e «resolveu o problema de dar relevo às cartas gráficas com rigor e precisão na escala vertical igual à que elas tinham então na escala horizontal», tirando patente, tratando ele próprio da estampagem dos mapas orográficos, para o que no sótão da sua casa instalou a respectiva oficina ⁽⁵⁶⁾.

Foi director do Banco Lusitano e já era seu presidente quando, em 1891, se declarou a falência, de que foi considerado principal responsável. Preso e ouvido em inquérito instaurado na Câmara dos Pares, foi absolvido. Nasceu em Olhão a 9 de Janeiro de 1838 e foi morrer a Paris, em 24 de Fevereiro de 1912. Enquanto viveu no seu palácio, teve como vizinha a filha mais velha (D. Elisa) da linda Viscondessa de Meneses, retratada por seu marido, cujo quadro se expõe à admiração pública no Museu de Arte Contemporânea.

*

Santo Amaro, que também teve a sua praia, embora de menor nomeada, aproveitou do fulgor atingido pela praia da Junqueira, frequentada pelas melhores famílias da cidade, na primeira metade do século XIX. Nela desembarcou, a 2 de Agosto de 1666, servindo-se de uma ponte ricamente ornamentada e construída para o efeito, a duquesa D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, que veio casar com D. Afonso VI.

Para uma casa da Rua Direita da Junqueira, foi o *divino* Almeida Garrett passar uma estância de Verão.

⁽⁵⁶⁾ Do *Anuário Comercial* de 1891: «Mapas geográficos. Instituto Geográfico, mapas em relevo pelo processo do Conselheiro Mendonça Cortês, privilegiado em todas as nações, medalhas em diversas exposições. Palácio de Santo Amaro».

O pequeno cais da quinta do Conde da Ponte serviu de embarca-
doiro à Condessa da Ega, de seu marido e duas filhas, quando em Setem-
bro de 1808 essa família decidiu fugir de Portugal, cõscia da acusaçõ
que sobre eles pesava de ter pactuado com os franceses⁽⁵⁷⁾. Ao mesmo
tempo, já assinada a Convenção de Sintra, Junot, o amante daquela que
era «tão linda como o sol», a filha da famosa *Alcipe*, preparava no Cais do
Sodré a retirada de Lisboa, levando nas suas malas e bagagens muito do
que pertencia ao património nacional.

Santo Amaro, como a Junqueira, em Agosto de 1580 estavam ocupa-
dos pelas tropas inimigas comandadas pelo Duque de Alba, que de cima
do morro avistavam a coluna portuguesa, de menor número e um tanto
desordenada, que, sob a chefia de D. António, acampava em plena Alcân-
tara, na margem esquerda da ribeira, onde se travou a batalha, que rompeu
a frente dos patriotas, forçando a retirada do nosso Prior do Crato.

Antes da existência da Calçada ou Estrada da Tapada, quem vinha
da Ajuda para Lisboa, seguia do Cruzeiro até à Travessa dos Moinhos,
em direcção à Calçada da Cruz de Santo Amaro.

Santo Amaro e Junqueira, como o Calvário e Alcântara, estiveram
subordinados ao concelho de Belém e os seus moradores, «quando se resol-
viam a vir à Baixa, ou até a qualquer outro ponto da cidade para dentro
de portas, diziam *que iam a Lisboa*. Para estas *viagens* havia de hora
a hora um ónibus, o *carrão*, de Belém ao Pelourinho. Quem queria
gastar menos dinheiro vinha nos vapores fazendo carreira de Belém ao
Cais do Sodré com paragem em Alcântara»⁽⁵⁸⁾.

*

Depois de tamanho exórdio, do tema proposto, ainda me falta
abordar a *Feira-romaria*, esse divertimento popular, a um tempo religioso
e profano, que teve a mais larga transcendência, dando a maior projecção
a Santo Amaro e ao seu Sítio⁽⁵⁹⁾.

Este foi o principal arraial lisboeta e realizava-se todos os anos,
de 15 de Janeiro a 2 de Fevereiro, sempre a par da festividade religiosa,
no amplo largo que circunda a igreja.

⁽⁵⁷⁾ Refugiaram-se a bordo da nau almirante duma esquadra russa que estava no
Tejo, donde passaram para uma galera inglesa, por eles fretada, que saiu a barra em 15 de
Setembro de 1808. O Conde da Ega foi julgado como traidor, condenado à morte e à con-
fiscacão dos bens.

⁽⁵⁸⁾ *Memórias do Prof. Melo Breyner*, vol. 1.º, pág. 57.

⁽⁵⁹⁾ *Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa*, do autor, pág. 77.

Com a promessa de ser breve, tentarei evocar essa aguarela bairrista, de que ainda guardo em mim vagas reminiscências.

Atraídos pelo estralejar constante da foguetada, logo de manhãzinha, de todos os pontos da cidade e arredores, iam chegando os entusiastas romeiros, com seus fatos de *ver a Deus*, sopesando grandes cestadas repletas de bons petiscos e o inseparável garrafão, onde chocalhava o mais recomendado vinho carrascão, quase sempre adquirido no carvoeiro vizinho.

Os foliões, de guitarra a tiracolo, ou sobraçando, radiantes, o harmônio de notas altissonantes, asseguravam à família que aquele dia ficaria lembrado, com pândega de *estalo*. Ao chegarem ao alto da colina, logo entravam na capelinha, para rezar ao Santo e lançar na bandeja a esmola prometida. Ataviavam-se com o clássico *raminho* que prendiam ao chapéu, na lapela do casaco espetavam o *registo* do Santo, e, já com muitas enfiadas de pinhões ao pescoço, os apreciadores de boa petisqueira procuravam o melhor lugar para abancar.

Os galegos aguadeiros e moços de fretes constituíam o *estado maior* dessa aglomeração festiva do povo, e daí também se chamar ao Taumaturgo, «Santo Amaro dos Galegos». No cortejo pela cidade, vinham à frente os gaiteiros, homens do tamboril, gaita de foles, pandeiro, ferrinhos, castanholas e zabumba. Dava gosto vê-los, de fardeta nova, tairocas a estrear e desenxovalhados de corpo. Só nesse dia tomavam o seu banho de limpeza, porque não era de aconselhar tal prática, mais de uma vez por ano, não fosse o *desperdício* do precioso líquido, que é a água, causar a ruína duma classe...

Não esquece a espirituosa sentença que proferiam esses populares serviçais, ao referirem-se aos portugueses: «A agoa é dêles e nós bendemos-lha».

Tal como os vemos hoje, os galegos dão uma pálida ideia da culminância a que foram guindados, em consequência dos seus valiosos préstimos e solicitude incomparável. São notáveis as múltiplas funções a que se têm dedicado, *todas de peso*, excepto quando serviam o deus Cupido, na entrega das românticas e perfumadas cartas de amor, a mais delicada das missões em que foram investidos, até que se fez a difusão do telefone. Como aguadeiros, foram eles que, durante muitos anos, de barril às costas, prestaram inestimável assistência à população citadina, que ainda não gozava as delícias de possuir água canalizada. Nos bons tempos em

que qualquer se dava ao luxo de mudar de casa de seis em seis meses, esses mesmos galegos, armados de chinguiço, pau e corda — como vinha longe a existência das empresas especializadas! — demonstraram-se zelosos executores no serviço de mudanças, em que o piano gozava das honras do melhor traste da casa. E, com a trouxa às costas, mantida em suspensão pela vara métrica encostada ao ombro, calcorreavam os bairros excêntricos, na venda de rendas, entremeios e colchas de seda, assim anunciada, no seu sotaque galego: *Ren... das*. Tudo era mais barato que na loja..., numa época em que pouca gente se deslocava à Baixa, onde se vendiam os artigos finos e de novidade.

A par destes, Lisboa engraçava com outros modestos profissionais, de boina vasca e tipicamente vestidos de calça e blusa de ganga azul, chamando a atenção com o característico toque de gaita de beijos e lançando ao vento o seu cantante pregão: «Amola *tissoiras* e navalhas, deita gatos em bacias e alguidares, conserta chapéus de sol...»

Alexandre Herculano, com o espírito que sabia usar, dizia que o *galego não nasce... vem da terra!* E Almeida Garrett pôs o seu poder satírico no seguinte epigrama:

«Era uma vez um galego,
Boçal felpudo e lanzudo,
Um galego em corpo e alma
Em chancas, juízo e tudo.

Nunca lá das Galileias
Sahiu cabeça tão romba
A alistar-se nas campanhas
Dos bravos heróis da bomba.

Melêna loira e comprida,
Azeitada e corredia,
Olho azul, pasmado e parvo
Boca aberta e barba esguia.

Calção de abanante orelha
Por onde fura o quadril,
Nos pés a flagrante chanca,
Às costas saco e barril.»

É sabido que o galego gostou sempre de viver no nosso País, onde faz fortuna. Ainda aqui dispõe de maioria na classe de cozinheiros e criados de mesa e de balcão em cafés e tabernas, e até mesmo grandes

hotéis e restaurantes não desdenham aceitar os seus serviços. Em certas esquinas de artérias da cidade ainda se vêem os últimos *abencerragens* dessa grande família, chamados para simples recados ou fretes de pouca monta.

O progresso, inclemente e poderoso, muito tem modificado e destruído!...

Afastámo-nos do tema proposto, mas vamos já retomar o fio da história.

O largo apresentava-se vistosamente engalanado com festões de verdura e argolinhas de papel em grinalda, ramos de palmeira, bandeiras e galhardetes, numa policromia garrida, vinco característico das festas do povo.

Num tosco coreto de madeira tocavam as filarmónicas do sítio, em despique com agrupamentos similares, vindos de longe, que recebiam a espórtula combinada. Era esta, por assim dizer, a música oficial.

Nuestros hermanos, com o maior entusiasmo, sopravam na gaita de foles e faziam ressoar o tambor, juntando à sua volta grandes agrupamentos que dançavam e bailavam até noite fora, cantando à desgarrada. Nestas voltas e reviravoltas, ao som descompassado da mazurca cadenciada e da polca saltitante, *Cupido*, sempre atento, intervinha com as suas *travessuras*. E os amores, o ciúme, o vinho, faziam desabar, quando menos se esperava, uma tempestade de pancadaria, em que o varapau era o principal elemento activo...

Todo o terreiro, as Escadinhas e a Calçada de Santo Amaro, eram um arraial pegado, a que não faltavam os habituais vendilhões, com o seu costumado negócio, em que predominavam as enfiadas de pinhões, em grandes braçadas ou suspensas em ripas de madeira. Além de objectos de quinquilharia barata, noutros tabuleiros fazia-se exposição de fava frita, pevides, amendoim, tremoço saloio, cavacas, queijadas, arrufadas, gergelim, alcamonia e amêndoa doce, oferecendo-se com estridência o popularíssimo copo com água e o capilé de cavalinho.

Atrás da capelinha alinhavam as barracas de *comes e bebes*, onde, à vista do público, se preparavam especialmente a boa caldeirada, o peixe-espada frito e a sardinha assada, em concorrência com as tradicionais farturas, que fizeram a celebridade dum fabricante que gerações sucessivas têm conhecido instalado em variadas feiras, sob o afamado nome de «Júlio das Farturas».

A freguesia, mal sentada em bancos compridos, de *sumapau*, era servida em rudimentares mesas de pinho. Não se usava toalha nem guardanapos e os talheres eram de ferro, do mais grosseiro fabrico. O vinho servia-se em pichéis de louça de barro, mas também se vendia a copo, com saída directa dos grandes tonéis carregados na origem, sobre carroças. O precioso sumo estava ali em luta de castas, conforme se lia em grandes cartazes, que atestavam as terras da procedência, que podiam ser o Samouco ou o Cartaxo, tentando sub-repticiamente os iniciados no culto de Baco. Bebido sem conta, e muitas vezes por aposta, o vinho não tardava a fermentar, produzindo lentamente o seu efeito, até atingir os limites ao lusco-fusco, que para muitos era a hora da debandada.

A nota triste e desoladora, davam-na os pedintes enfermos de pernas e braços, os portadores de chagas repelentes, que se postavam por todo o escadório, numa lamuriosa súplica, estimulando a caridade do povo.

À noite, com a iluminação geral, resplandeciam as luminárias da capela, queimava-se fogo-de-vista e acendiam-se as barricadas de alcatrão, de efeito seguro a distância, despertando a atenção dos habitantes da cidade e das terras ao sul do Tejo.

*

Chegámos ao fim da jornada, mero pretexto para não deixar no olvido este dia, que foi de grande solenidade para a Igreja, e que, se era preenchido por grande folgança e comezaina, também se consagrava à devoção e ao recolhimento; e os crentes, dobrando os joelhos, aos pés do Santo, imploravam para si ou para os seus, a cura dos males que os atormentavam.

Mantendo firme a fé religiosa reacendida nas três últimas décadas, também este ano o dia 15 de Janeiro foi festivamente comemorado, na capelinha votiva do Alto de Santo Amaro, com missa solene, e na altura do sermão, se exaltaram as virtudes e milagres do Padroeiro. O templo conservou-se aberto até ao sol-posto, sempre com grande concorrência de devotos, muitos destes no cumprimento de promessas feitas em ocasiões trágicas da vida. Continua a haver missa dominical e em Maio presta-se o culto do mês à Virgem Maria.

É de assinalar que não deixam de concorrer os vendilhões de colares de pinhões, querendo assim, com essa nota pitoresca, que perdure uma tradição, de que se não conhece a idade.

Confrange o estado de penúria em que se encontra a ermida quinhentista, com os seus belos portões de ferro em deterioração, devido à muita ferrugem que os cobre, sendo miserável o aspecto que apresenta o largo terreiro, mais próprio de aldeia sertaneja. Façamos todos votos para que, no próximo ano, possamos verificar que se pôs termo a esse triste espectáculo, e que se completou a prometida restauração do edifício, para honra da cidade e prestígio dos serviços públicos que têm a seu cargo os monumentos nacionais.

Janeiro de 1957.

NOTAS COMPLEMENTARES

Na Igreja do extinto Mosteiro de S. Bento havia uma capela (a terceira do lado da Epístola), que era dedicada a Santo Amaro, provindo daí o nome dado, em 1763, à antiga Travessa de Santo Amaro, talhada depois do Terramoto, na cerca de S. Bento, e que subiu à categoria de rua, quando da sua junção com a Travessa de Santa Iria. (Editais do Governador Civil de 1 de Setembro de 1859 e da Câmara Municipal de Lisboa de 31 de Dezembro de 1885).

Em Alcolena (antigo distrito da Ajuda) existiu uma Rua de Santo Amaro.

O dia de Santo Amaro é comemorado em muitas terras do país; e, por todo o continente e ilhas, e também no Brasil, se encontram bastantes povoações, e até mesmo freguesias — 30 contámos nós — a que está consagrado o nome do religioso Beneditino.

A ridente praia, idênticamente nomeada, que se situa na linha de Cascais, entre Oeiras e Paço de Arcos, tem sua «Capela de Santo Amaro», que foi visitada pelo Grupo «Amigos de Lisboa», em 29 de Julho de 1956.

Na Igreja da Conceição Velha, com sua tradição interrompida durante anos, recomeçou no século actual a festividade a Santo Amaro, cuja imagem se encontra no altar de Nossa Senhora de Fátima.

A imagem do Santo, que se venera em seu altar, na Ermida própria, em Lisboa, é a mesma que de lá fora retirada, após 1910, quando da apreensão dos bens culturais, e foi salva quando estava posta em almoeda.

Este Santo, a que ainda se presta tão sentida veneração, tem o seu emblema representado na fachada e no interior da Capela do alto do morro e é formado por uma perna e um braço cruzados, sobrepostos pela mitra de Bispo, dignidade a que foi elevado o discípulo de S. Bento, que antes foi Abade.

Anda na voz do povo que a casa n.º 152 da Calçada de Santo Amaro, condenada a demolição, de que é proprietário e morador o Senhor Dr. Luís Manuel Wrem da Silveira Viana, serviu de aposentadoria ao Prior do Crato, na época da Batalha de Alcântara. Mas nada se encontrou, até hoje, que confirme tal proposição.

O pitoresco Pátio do Conde da Ribeira, que o camartelo já levou, em vários anos serviu de retiro na inauguração da época do «Teatro do Povo», que no Verão se desloca aos principais centros do país, dando espectáculos gratuitos, de carácter popular. O Secretariado Nacional da Informação, ao qual se deve a criação deste teatro itinerante, dedicou ao pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, em 18 e 19 de Setembro de 1953, quatro peças do seu repertório, que foram representadas num espaçoso terrapleno encorporado na propriedade daquela Companhia, em Santo Amaro (*Lisboa Carris*, n.º 20).

Em complemento da chamada (51), podemos oferecer algumas informações, relativamente à conhecidíssima vista que representa o velho Sítio de Santo Amaro e sua Ermida, de que ficámos a conhecer seis composições diferentes, se bem que seja tão grande a semelhança entre todas que, à primeira vista, parece não existir a diferença que um cuidado exame vem revelar. Dos executores de tais trabalhos, apenas três estão identificados. Ao citá-los, damos o primeiro lugar a Dirk Stoop, que também assinou Roderico Stoop, pintor e gravador holandês (1610-168 ?), que esteve entre nós em 1662, quando do casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra. A sua gravura (coleção Vieira da Silva) ficou a ilustrar o apreciado opúsculo *Do Sítio da Junqueira*, de Mário de Sampayo Ribeiro.

Jacobus Baptist, gravador holandês dos fins do século XVII, crê-se que esteve também entre nós, mas não há conhecimento exacto. O fruto do seu labor artístico está a valorizar as três edições do livro de viagens de D. Juan Alvarez Colmenar (as duas primeiras edições — 1707 e 1715 — intituladas *Les Delices de l'Espagne & du Portugal*, e a última — 1741 — *Annales de l'Espagne & du Portugal*), e as seguintes produções nacionais: *A Ermida de Santo Amaro*, de Luís Moitá; *Alcântara*, de Paulo Freire; *Ermida de Santo Amaro*, pelo Eng. Vieira da Silva; *A Velha Lisboa*, do mesmo autor; e *Notícia histórica das casas de José Ferreira Pinto Basto, e dos seus descendentes, na Junqueira*, por Artur Lamas, in *A Fábrica de Vista Alegre*, Apêndice ao *Livro do Seu Centenário — 1824-1924*. Os trabalhos deste artista são conhecidos por série «Pierre Vander Aa», que foi quem os mandou gravar ou coligir. As estampas das obras de Colmenar, referentes a Portugal, foram aproveitadas, no todo ou em grande parte, para uma majestosa obra intitulada *La Galerie Agréable du Monde*, descrita na *História da Gravura*, n.º 1278. No leilão do Marquês de Valada, em 1896, apareceu sob o n.º 1088 um exemplar dos 66 vols. ou tomos, encadernados em 22 vols. dos quais o 1.º e 2.º são referentes a Portugal. Traz uma indicação de que a tiragem foi apenas de 100 exemplares.

Pieter van der Berge, gravador holandês da 2.ª metade do século XVII, de quem não se conhecem dados certos, figura na *Colecção de Gravuras Portuguesas* (Lisboa, 1945/1946), editada por João Camacho Pereira. É a estampa n.º 12, da

2.^a série (dedicada a Lisboa). Saíram ao todo 7 séries, que hoje estão avaliadas em dezenas de contos.

As três restantes variantes chegaram ao nosso conhecimento por intermédio da reprodução feita na interessante monografia *Belém e arredores através dos tempos*, do senhor José Dias Sanches (sem legenda ou qualquer outra indicação); dum exemplar iconográfico pertencente ao nosso estimado amigo e consócio senhor Hugo Raposo, no qual se lê a legenda «Veduta del Porto e della Chiesa di Bellem e di quella di S. Amato», e está reproduzida em papel branco fino, tendo na parte superior direita, fora da mancha, a inscrição «Tom. XV»; e ainda dum outro, a que se referiu o senhor António de Aguiar, no *Olisipo*, n.º 60, e que tem a seguinte inscrição: «Prospectus Portus, et Templorum Bethlemi, et Amati» (na margem inferior à esquerda). «Vue du port et des Eglises de Bellen et de S. Amat» (idem à direita).

Para mais esclarecimentos e divulgação das publicações estrangeiras que se sabe terem inserido as três primeiras gravuras, consultar: *História da Gravura Artística em Portugal*, do senhor Ernesto Soares, vol. 2.º, págs. 125 e segs., 616 e segs. e 670 e segs.

A vista de que vimos falando, que também pode ver-se num painel de azulejos que se expõe no Museu Nacional de Arte Antiga, serviu de modelo ao artista que pintou o pano-de-boca da sala de espectáculos da Academia de Santo Amaro.

Entre os documentos iconográficos, que estiveram expostos no Grupo «Amigos de Lisboa», na noite da conferência, tiveram realce 11 exemplares diferentes, alguns bastante apreciáveis, de «registos» de Santo Amaro, dos quais pertencem 8 à colecção do senhor Dr. Eduardo Neves e 3 à do senhor Eduardo Portugal. A Biblioteca Nacional de Lisboa, na sua «Secção de Estampas», possui uns 22 exemplares diferentes (*Inventário da Colecção de Registos de Santos*, organizado e prefaciado pelo senhor Ernesto Soares). No Museu Etnológico Português (Dr. Leite de Vasconcelos) existe outra preciosa colecção de «registos de Santos», catalogados e anotados pelo distinto etnógrafo Senhor Luís Chaves, e dela constam 35 espécies alusivas a Santo Amaro, inscrevendo algumas delas, como na colecção anterior, terras da província que prestam culto festivo ao antigo Abade Beneditino (*Registos de Santos - Lisboa*, 1925). Do mesmo autor, é digno de consulta *Registos de Santos da Cidade de Lisboa (Anais das Bibliotecas e Arquivos e Revista Municipal*, n.º 26).

Nas salas do Grupo «Amigos de Lisboa», de 9 a 17 de Maio de 1953, apresentou-se uma *Exposição de Registos de Santos Olisiponenses* (cerca de 400 dos 1.000 que possui o Senhor Dr. Eduardo Neves) e, no dia 16 do mesmo mês, o Senhor Prof. Luís Chaves, fez uma conferência a-propósito da mesma Exposição, que veio publicada no *Bazar* (Suplemento de *A Voz*) de 6 de Fevereiro de 1954.

Presidiu a esta conferência o Secretário-Geral do Grupo «Amigos de Lisboa» Senhor Doutor Eduardo Neves, ladeado pelo Reverendo Prior da Freguesia Senhor Padre Adriano da Silva Pereira Botelho e pelo Presidente da Junta Senhor Mário Botelho Moniz de Sequeira. A todos, o autor presta as suas homenagens, não esquecendo a grata presença dos amabilíssimos auditores.

ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

A actividade cultural deste trimestre iniciou-se em 5 de Janeiro com o «Certâmen dos trajos e atavios de outrora» — (Esboço duma exposição de peças, figurinos e aviamentos). Esta exposição esteve aberta até quase ao fim do mês e à sua inauguração presidiu o Secretário-Geral acompanhado por vários membros da Junta Directiva. Na sua inauguração o Dr. Eduardo Neves disse:

«Se V. Ex.^{aa} julgaram que o chapéu coco e a bengalinha ali colocados, o foram por mim ao entrar aqui, a despeito da exiguidade do tamanho, eu direi que de facto foram meus, mas há 50 anos. Então os médicos diziam que o menino era fraquinho, agora dizem que tem a tensão alta. Sinais dos tempos e do meu tempo.

Só, o feitiço não mudou. Então no alvorecer do liceu as horas vagas eram passadas na Feira da Ladra, refúgio dos lisboetas amantes do passado à cata de antiquilhas sinal evidente de velhice precoce e gora, meio século andado realizando esta exposição, sinal, para muitos, talvez, de demência senil.

Porém, como diz o aforismo francês (*la noblesse oblige*) o Grupo pelos seus 20 anos de existência, pela distinção, justa mas cativante que a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa lhe conferiu distinguindo-o com a medalha de ouro da cidade, o Grupo que com 77 boletins publicados e uma larga obra cultural em prol da defesa, estudo e conhecimento da vida da cidade, rema sempre, com a maré e contra a maré alta e com a maré baixa, não fôssemos nós descendentes de argonautas e naturais dum dos melhores portos da Europa, vem hoje inaugurar mais uma exposição, de trajos e adornos de antanho, mais como exemplo, e incentivo para realizações de maior tomo do seu género do que como realização formal. Mesmo quem dá o que tem...

Este certame, concurso de boas vontades de sócios e amigos, não seria possível sem elas e sobretudo com a colaboração, quase que poderia dizer exclusiva, de D. Guida Keil, D. Edite Alves, D. Julieta Ferrão e Eduardo Portugal de quem partiu a iniciativa, depois ampliada com as peças cedidas por D. Hilda Matos, Major Figueiredo e Silva, J. M. Cordeiro de Sousa e família Keill, além das pessoas já citadas, e de mim próprio, além de notáveis peças ainda não expostas mas a chegarem brevemente do Prof. Costa Sacadura e sua família.

Como não há catálogo permito-me destacar a V. Ex.^{aa}, entre as peças expostas, algumas duma curiosidade e valia notáveis não só pelo seu valor intrínseco como também pela raridade e subtilidade das suas aplicações, quero referir-me aos objectos de maquilhagem e acessórios de indumentária como os *tournures* e outros que são de sempre. Na rica colecção de jóias e adornos são de destacar uma pulseira de ouro, esmalte azul e pérolas, oferta de S. M. a Senhora D. Maria II à primeira Baronesa de Bertelinho (D. Quitéria), a quando da sua visita da Rainha a Tomar, 2 anéis que foram do Professor Sousa Martins e um lenço que foi do Marquês de Valada. O resto das peças expostas, vestidos, um de baptizado, um chapéu de Senhora, o mais romântico que V. Ex.^{aa} possam imaginar pelos adornos de floricultura que contém, monteletes, toucas de dormir, sapatos, leques, são de

particular estima para os expositores particularmente um colete de casaca bordado, dos dois expostos pelo Major Figueiredo e Silva, obra de uma tia do expositor falecida há cem anos e natural de Lisboa. É notável a colecção de jóias de D. Guida Keil, D. Hilda Matos e minha e de Minha Filha. A-propósito de cada uma delas, eu ou os expositores darão a V. Ex.^{sa} as explicações necessárias e a-propósito de cada uma das peças. É notável a colecção de sombrinhas, e a de leques, é no entanto simples amostra do que muitos dos expositores possuem, há entre eles quem possua 50 leques. Isto prova que é possível com espaço, tempo, paciência e boa vontade desinteressada realizar neste género e em qualquer dos detalhes da amostra, etc., exposição actual, exposição mais ampla e mais completa o que se nos afigura interessante, necessário e útil.

É o que aspiramos com a realização que V. Ex.^{sa} vieram hoje inaugurar e cuja presença nesta casa nós, os dirigentes, vossos representantes, muito agradecemos.»

A ela se referiu largamente a Imprensa de que destacamos o interessante artigo da illustre escritora Sr.^a D. Aurora Jardim, publicado no *Jornal de Notícias*, do Porto, de 31 de Janeiro, que a seguir se transcreve:

«Exposição que nos faz volver para trás muitos anos em gesto de surpresa e também de pena por nesse belo tempo não termos vindo a este Mundo.

Organizada pelo grupo «Os Amigos de Lisboa» pertence a maior parte dos objectos expostos à família do secretário-geral, o vereador dr. Eduardo Neves, nomeadamente uma bela pulseira de ouro esmalte azul e pérolas, oferta de Sua Majestade a Senhora D. Maria II à primeira baronesa de Bertelinho quando da visita da Rainha a Tomar.

Espalhadas pelas vitrinas vêem-se jóias preciosas: anéis com minas novas e outras pedrarias, diademas de brilhantes *barrettes*, o rosicler que já beijou marfíneo peito, broches, colares, pregadeiras e braceletes, etc. Acessórios imprescindíveis: caixas de rapé, secas bordadas, o leque que, segundo os cronistas da época era caprichosa armadilha de namoro, valiosas rendas de avós, miniaturas delicadas, o quitó do faceira metido no boldrié, a espadinha mais jóia do que arma e a que chamavam «caranguejeira», bolsas cheias de moedas de ouro, requintados perfumadores.

De D. Guida Keill, há uma colecção de botões, coroas para o cabelo, gargantilhas, gazes bordadas, anéis e brincos deveras notáveis.

Cintos com rebustadas fivelas, pelicés como penteadores, caixinhas de pastilhas, pulseiras abertas, sombrinhas com a seda a desfazer-se, plumas de toucado o espartilho ou justilho de barbas, ligas coloridas, sapatos de poleiro em cetim matizado, estojos de prata filigranada para cartões de visita, tapeçarias.

Gravuras preciosas esmaltam as paredes e sobre a mesa, coberta com o tapete usual, não faltam os Jornais da Moda daquele tempo: *Journal des Demoiselles* e *O Mensageiro* das Damas finamente ilustrados e sãbiamente elucidativos. E também livros de elegância, tais como: *Cosméticos e Penteados* e *Como se põem colares*. Ao lado a gama dos sinais de outrora e a sua nomenclatura: «folgazão» na cova da face, «apaixonado» rente aos olhos «louquinho» na asa do nariz, «beijocador» ao canto da boca.

Binóculos de madrepérola acompanham a chapa de tafetá bordado, a gravata «à corsário», com rendinha na beira e os *mitaines* de levar à ópera em S. Carlos.

Mantilha de renda, livro de missa, rosário de prata, bioco negro, xale de cachemira, assistiram a muita procissão e foram tantas vezes ao lausperene do Loreto com um marfim trabalhado fechando a gola e por baixo as «roupinhas à húngara» que estavam na moda.

A equipa do Secretariado Nacional de Propaganda está fazendo um pequeno filme na Exposição. Levanta-se uma discussão e eu sou árbitro. A dama com vestido cor de pulga que se encontra no vão de uma janela... o que traz vestido é um corpete? Elucido-os: tem aba portanto é uma casaquinha. Leva na mão um fino lenço de Holanda e calça delicados sapatos de ponteagudo bico.

Muito curioso e decerto raro, o *tournure* para colocar sob a saia, atrás; feito em tecido encarnado, tem maleável mola para reduzir ou altear a «garupa».

Aqui está um *carpet* de baile com fina lapiseira sobre uma salva de prata «com bichinha».

Num manequim, encontra-se leve mantelete de renda que, decerto, já foi usado sobre a *guimpe* de tule em que brilhava o *pendentif* com pérola na ponta a tremer ou a laça de ouro filigranado. No *réticule* de contas, segredos femininos: ao deslizar a tampa, o medalhão deixa ver um retrato de bigodes feaçanhudos tilinta a chave da papelreira onde há cartas amorosas de mãos entrelaçadas ou pombinha de rosa no bico, as moedas estão na bolsa de prata e amarelece a conta da romeira de veludo bordada a vidrilhos e orlada a *guipure* que foi mesmo uma loucura comprar...

Aquela saia é terminada pela trancinha que ia varrendo o chão e a gente tem pena de não usar hoje o *lorgnon* com o qual se fingia não ver quem se não queria ver mesmo.

Tigelas para a tinta vermelha e quem sabe se para os bruxedos nas mistelas das benzedadeiras, papel de perfume para dar sonhos tranquilos, toucas de dormir, medalhões com figuras da Corte, blusas de varas, marfins pintados e rodeados por diamantes, relógios de tampos esmaltados por miniaturas e *chateaines* de berloques, *boas* de avestruz, pantalonas brancas de farda, véus, polvilhos, toucados, *palettes*, chapéus com rosas, tules, fitas e *aigrettes*.

Muito bonito o colete de casaca que foi bordado há cem anos por uma tia do expositor: o major Figueiredo e Silva.

Estes dois anéis foram do professor Sousa Martins e aquele lenço pertenceu ao marquês de Valada. Outros objectos foram cedidos por D. Hilda Magano Matos e Sr. Eduardo Portugal.

Muito pitoresca é a mola para arregaçar a saia. Experimento-a na seda de de um vestido «cor de pensamento» e funciona lindamente. Quando havia lama na rua ou o braço estava fatigado de pegar na cauda, punha-se a mola que vinha de um cordão preso na cintura e não se pensava mais no assunto.

Um copo teve dentro o bochecho de água de rosas para perfumar a boca; os caracóis na testa fizeram-se com o ferro de frisar; o bufetinho dos doces andava perto da dama lambareira, assim como o frasquinho dos sais e a água de melissa; sobre o tamborete descansava o pêzinho; a caixa dos confeitos e o espelho com cabo de prata estavam em cima do toucador embutido a flores.

Naqueles dias a que hoje se chama «bons tempos» muito objecto existia que o desuso ou o progresso foram pondo de lado: o *sachet* perfumado com raízes de íris de Florença; o boião do *cold-cream*; o porta-saias; os sacos para a roupa; a alfineteira; o cofre das jóias; a escova das fricções; a mãozinha para coçar as costas; as caixinhas do *kohol* para as pestanas, do cosmético para as sobrancelhas do *cachou* para o hálito, de pomada *rosat* para os lábios, de pó para os dentes; o frasco da água de Botot...

O pó de arroz tinha a sua caixa de cristal com tampa de prata e eram diversos os recipientes de vidro coalhado para as águas de beleza tais como a inglesa Fainty Water contra as sardas os vários vinagres aromáticos, a Água Ateniense de Portugal (*sic*) que dava forças, os sabonetes de amêndoas, o pó de sabão Windsor, os sabões orientais, de mel, de cânfora, de leite, de framboesa, de alface, do coco, de pepino, etc., as essências de limão, de bergamota, de neroli, de verbena, de mirto, de âmbar, de rosmaninho, de cravo índio, de almíscar, de anís, da rainha da Hungria... Extractos e águas de cheiro usados em profusão.

Esta rede protege o cabelo durante a noite, os ganchos que seguraram os *chichis* aqui estão assim como a cuia e o rolo que se metia por dentro para formar

a popa. E mais: pentes, travessas e travessões, franjinhas carrapitos, caracóis, tranças, canudos e outros postiços fixos por longos pregos ou ganchos de metal ou tartaruga.

Não esquecerei de me referir a esta minúscula escultura de Cristo: vista com uma lente divisam-se nitidamente todas as feições e contempla-se mesmo a expressão de sofrimento.

Mas a peça principal da exposição veio do Porto.

É um formosíssimo vestido com chapéu, de seda branca ricamente bordada a ouro com que Dona Rita Carolina Braga fez as visitas de agradecimento (em cadeirinha) por ocasião do seu casamento com José Joaquim da Costa Lima, em 1825. Pertencia a D. Elisa Lima de Sousa e Barros da Costa Sacadura, que foi esposa do Dr. Costa Sacadura. É actualmente de sua filha D. Maria Teresa.

Com esta peça de museu e de corte pertencente a uma família ilustre, fecha, com chave de ouro, a valiosa exposição de um passado pleno de riqueza que conosco vem ter.»

Em 17 de Janeiro realizou-se a 12.^a sessão dos «Colóquios Olisiponenses» em que usou da palavra o nosso consócio Sr. Dr. Ferreira de Almeida que se referiu ao abastecimento de água à cidade de Lisboa, citando, a-propósito, o aproveitamento das águas como motivo ornamental em várias cidades estrangeiras.

O Secretário-Geral, que presidiu, referiu-se à Exposição de Trajos de Outrora que constituiu um notável êxito que chamou ao Grupo algumas centenas de visitantes.

Em 20 de Janeiro, foi visitada a Central Leiteira de Lisboa, notável realização da nossa Câmara Municipal. A visita foi superiormente dirigida pelos Drs. Almeida d'Eça, Sales Gomes e Inácio dos Santos e Eng. Pessoa Lopes e técnico Taveira Pereira. A visita chamou a atenção de alguns centos de visitantes que pormenorizadamente visitaram as suas várias secções.

Em 31 de Janeiro o publicista Sr. Mário Costa, nosso consócio, proferiu a sua «conferência «O Sítio de Santo Amaro, a Romaria e o seu Patrono». Esta conferência que por motivo de doença do seu autor se não realizou em 15 de Janeiro, dia de Santo Amaro, foi presidida pelo Secretário-Geral e secretariado pelo Rev. Prior de Alcântara Padre Adriano Botelho de Sequeira, nossos consócios. O Conferencista referiu curiosidades e notas históricas do Bairro de Alcântara e Sítio de Santo Amaro, como se refere no texto da conferência que neste número se publica.

Em 16 de Fevereiro o nosso consócio Sr. Dr. José Cassiano Neves proferiu uma interessante conferência sobre «Lisboa e a Tragédia dos Távoras», documentada sobre uma numerosa colecção de cartas do Marquês de Alorna existentes no arquivo do Palácio dos Marqueses de Fronteira.

Esta conferência que foi presidida pelo Secretário-Geral e secretariado pelos Drs. Joaquim Paço d'Arcos e Eugénio Mac-Bride despertou grande interesse nos meios literários de Lisboa e na Imprensa.

Em 21 de Fevereiro realizou-se a 13.^a sessão de «Colóquios Olisiponenses» em que foram oradores os Srs. Prof. Dr. Costa Sacadura,

Mário Costa e Mário Sande Freire que se referiram respectivamente a «Mais três primeiras pedras para monumentos que não chegaram à superfície da terra», «O Palácio do Loreto», e «História do Correio sua introdução em Portugal e seu progresso».

Em 23 de Fevereiro, inaugurou-se a Exposição de «Recordações das visitas Régias Inglesas a Lisboa», que até princípios de Março chamou ao Grupo bastantes visitantes. A ela se referiu a Imprensa em notícias de que destacamos, com a devida vénia, a publicada no *Diário de Notícias*, em 24 de Fevereiro:

«Ainda não se apagou da memória dos lisboetas o eco das manifestações de regozijo com que foi acolhida entre nós a rainha de Inglaterra. Aproveitando essa circunstância, o Grupo «Amigos de Lisboa» inaugurou ontem na sua sede, ao largo da Trindade, uma exposição de fotografias relativas às visitas que a Portugal fizeram o rei Eduardo VII, a rainha Alexandra e os duques de Connaught, antepassados de Isabel II. Na referida exposição figuram fotografias alusivas à chegada e à permanência dos régios visitantes no nosso país, trabalhos do velho repórter António Novais, uma colecção de bilhetes postais, edição de Paulo Guedes, e exemplares dos jornais «O Diário» e «O Século» com as reportagens dos respectivos acontecimentos. As fotografias são pertença dos Srs. Dr. Eduardo Neves, secretário-geral da direcção do Grupo; Eduardo Portugal, Júlio Worm e coronel Xavier de Brito, que as cederam amavelmente, e os jornais propriedade do Sr. Henriques Nunes Viseu.

Ali se vêem ainda várias publicações, sobre o mesmo assunto, dos arquivos e biblioteca do Grupo «Amigos de Lisboa». Todos os documentos expostos são testemunho da proverbial hospitalidade lusitana e do entusiasmo e carinho com que sempre têm sido recebidos os reis de Inglaterra pelos Portugueses, agora confirmados com a visita de Isabel II e do príncipe Filipe, ao mesmo tempo que ilustram o alto apreço em que é tida a tradicional amizade luso-britânica.

Presidiu à inauguração o Sr. Dr. Edurado Neves, em nome da junta directiva do Grupo «Amigos de Lisboa», encontrando-se presentes, entre outras individualidades e visitantes, os Srs. Srs. Hugo Raposo e Mário Costa.»

Em 14 de Março realizou-se a 14.^a sessão dos «Colóquios Olisiponenses» em que tomaram parte os consócios Alfredo Ferreira do Nascimento que versou o tema «A urbanização ribeirinha» focando o valioso partido que teria sido possível tirar das grandiosas condições do Tejo e que já Carlos Mardel tinha encarado, acabando por sugerir a construção de pequenos miradouros à beira rio.

Seguiu-se o Sr. Sande Freire que ao abordar o tema «O problema da distribuição do correio em Lisboa» sugeriu com a sua larga experiência de antigo inspector dos CTT a criação na cidade de subestações postais.

Por fim o Secretário-Geral Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves apresentou um folheto impresso em Lisboa em 1848 referente à instituição da Medalha Milagrosa de Nossa Senhora das Graças, cuja primeira medalha e subsequentes também apresentou e que teve origem numa visão em Novembro de 1830, de uma noviça dum convento de Paris, que mais tarde veio a ser Santa Catarina Labouré da Ordem de S. Vicente de Paulo.

Presidiu o Sr. Hugo Raposo.

Em 23 de Março inaugurou-se na sede a «Exposição da Obra de Barcia» que reuniu numerosas espécies e bastantes consócios. Na inauguração o Secretário-Geral disse:

«José Arthur Barcia, lisboeta de nascimento, que hoje se homenageia com a exposição que estamos inaugurando, era um homem original e do seu tempo.

Para os de hoje, algo exótico, nas suas múltiplas aptidões, predilecções e modo de ser.

Desenhador por curso e profissão, músico e professor de música, pintor, fotógrafo e coleccionador apaixonado de tudo o que fosse lisboeta e de tudo o que se referisse ao seu dilecto amigo — o Visconde de Castilho — cuja amizade cultivou e cuja memória honrou e engrandeceu.

A sua vasta colecção de fotografias, hoje exposta mercê da gentileza de sua família, a quem cumprimentamos e agradecemos, bem como os amigos, consócios e colecionadores que nos cederam as suas espécies, é notável. A Família Rodrigues Cavalheiro, D. Ana Maria Pereira Gama, Eduardo Portugal, de quem partiu a iniciativa e seu principal organizador, Hugo Raposo, além do Grupo, da Parceria António Maria Pereira e de nós próprios.

Todos acorremos pressurosos a honrar a memória do nosso sócio fundador n.º 52, que com a sua simpatia irradiante da sua pessoa e figura e o seu saber e cultura era sempre pronto a aparecer e colaborar em tudo o que a Lisboa se referisse.

Assim também o Grupo e nós todos, os expositores e V. Ex.^{as}, aqui viemos render-lhe o preito devido da nossa homenagem e saudade.

Têm V. Ex.^{as}, nestas vitrinas a sua larga obra sobre todos os aspectos e a nota sentimental do seu espírito e educação, tipo romântico, como era também o de seu amigo Júlio de Castilho, as suas relações, da campa de Castilho —, a sua casa, etc.

Respira-se aqui, nesta casa, sempre, Lisboa — dado a índole desta agremiação — mas hoje respira-se a Lisboa romântica de 1900 em que viveram, na pujança do seu labor, Castilho e Barcia, nossos antecessores, do Grupo e de todos nós, nestes amores à velha Lisboa tão querida e tão nossa. Velha de séculos mas sempre garrida e afanosa em se embelezar.

Por isso eles e nós tanto lhe queremos.»

A esta exposição também se referiu espontâneamente a «Voz da Cidade» na Emissora Nacional e os jornais *Diário de Notícias*, *Século* e *Vida Rural*.

Finalmente em 24 realizou-se a visita de estudo ao Palácio das Telecomunicações, na Praça de D. Luís, visita que foi dirigida pelos Engs. Gentil da Costa, Rogério Rodrigues e Carlos Alberto e que reuniu algumas centenas de associados. A visita interessou extraordinariamente todos os visitantes quer na parte assistencial quer na parte técnica onde existe a melhor aparelhagem da especialidade.

E. N.

A campanha dos 20

À lista publicada em OLISIPO de Outubro último, acrescenta-se mais os seguintes sócios que subscreveram, cada um, com 20\$00: 575, 766, 972, 1.189, 1.343, 1.888 2.895 e 2.964, o que totaliza, com o já publicado, Esc. 2.370\$00.



Feira da Ladra

O «Bazar» de «A Voz» e os «Amigos de Lisboa»

NESTE interessante Suplemento Literário de «A Voz» publicado em 23 de Fevereiro a ilustre escritora Sr.^a D. Mécia Mouzinho de Albuquerque no seu relatório mensal para a «Société des Gens de Lettres de France» referindo-se a OLISIPO diz: «Entre as publicações aparecidas em Janeiro saliente o boletim do primeiro trimestre de 1957 dos «Amigos de Lisboa» inserindo um resumo da actividade cultural desse prestantíssimo Grupo no último trimestre de 1956. Destaco, nas notícias do referido Boletim, que a Câmara Municipal de Lisboa convocou os Corpos Directivos para receberem a Medalha de Ouro da Cidade, que a Câmara lhes tinha conferido por ocasião do XX aniversário da sua fundação. Foi um gesto de altíssima justiça porque bem merecem a Medalha de Ouro os Amigos de ouro, do mais puro quilate, que são, para Lisboa, os «Amigos de Lisboa».

À ilustre escritora agradece OLISIPO e o Grupo as suas amáveis referências.

E. N.

O Grupo e a visita de Isabel II de Inglaterra

A LÉM da Exposição que na actividade cultural se refere e que constou de fotografias, recortes de jornais e recor-

dações das visitas régias inglesas a Lisboa, o Grupo embandeirou e iluminou a sua sede durante a estada em Lisboa de S. M. a Rainha Isabel II, fez publicar nos jornais de Lisboa um convite à população para exprimir significativamente a sua tradicional hospitalidade e a sua calorosa simpatia para com a régia visitante e destinou aos seus sócios um talhão reservado na Avenida da Liberdade, amavelmente cedido pela Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, para se assistir ao Cortejo Real realizado em 18 de Fevereiro.

A presença de Portugal na inauguração do Canal de Suez

A GORA que acontecimentos de origem internacional põem tão em foco o Canal de Suez, vem a-propósito relatar a forma como o nosso país esteve representado na inauguração oficial da formidável obra de engenharia naval, que se deve ao genial Fernando de Lesseps, de nacionalidade francesa, cuja estátua de homenagem já foi destruída pelas hordas revolucionárias do povo egípcio.

Portugal, como nação marítima que é, não podia alhear-se desse grande acontecimento, e, assim, o seu governo mandou a tempo aprontar a corveta «Estefania» e entregou o comando ao capitão-de-mar-e-guerra, José Baptista de Andrade, um dos mais briosos e heróicos oficiais da nossa Armada. Porém, àquela unidade

naval, que largou do Tejo a 27 de Outubro de 1869, succedeu um percalço, não remediável: desarvorou com um grande temporal que caiu sobre o Mediterrâneo, obrigando-a a regressar ao Porto de Lisboa.

Tal contratempo não evitou que o nosso país deixasse de marcar o lugar que lhe competia, porque, providencialmente, a Casa Bessone, de que era proprietário Tomás Maria Bessone, como seu pai, Romão Maria Bessone, um dos primeiros negociantes de Lisboa, mandara de sua conta a galera «Viajante» e foi esta, embandeirada em arco, que a 17 de Novembro daquele ano, seguindo na esteira do navio que conduzia a imperatriz Eugénia, mulher de Napoleão III, tomou parte na magnífica solenidade, ostentando galhardamente a bandeira de Portugal. Assistiu Eça de Queiroz, que então percorria o Oriente, em viagem turística.

Tomás Maria Bessone, a quem o rei D. Luís fez visconde, herdara de seu tio do mesmo nome, uma enormíssima fortuna. Era grande importador de produtos da Índia e da China e proprietário duma valiosa frota marítima. Foi director do Banco de Portugal e vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Habitou no seu palácio da Rua Ferregial de Cima (Vitor Cordon), em que agora se instala a F. N. A. T. Prometemos, mais de espaço, tratar desta importante figura nascida em Lisboa, que circunstâncias imprevisíveis arrastaram para a falência dos seus negócios.

E, do modo que contamos, a nação lusitana, e particularmente Lisboa, estiveram representadas na abertura do Canal de Suez à navegação de todo o mundo.

M. C.

A «UNCI» em Portugal

A «UNCI», com sede em Roma, é a «Unione Nazionale Collezionisti d'Italia» que em Portugal tem como representante o Sr. Romeo Menduni, Rua João de Deus, 3, em Santo Amaro de Oeiras, e que mantém como órgão de Imprensa, desde 1956, «La Voce del Collezionista». Propõe-se agremiar colecionadores de catorze ramos a saber:

- 1 - Pinturas, desenhos e gravuras
- 2 - Cerâmica e porcelana
- 3 - Objectos arqueológicos e antiguidades
- 4 - Objectos de arte em geral
- 5 - Armas e armaduras
- 6 - Heráldica
- 7 - Gravuras e figurinos de uniformes militares
- 8 - Numismática
- 9 - Escritos antigos e autógrafos
- 10 - Ex-Libris
- 11 - Bilhetes postais ilustrados
- 12 - Cartas de jogar, etc.
- 13 - Figuras
- 14 - Tudo quanto se possa coleccionar que não esteja compreendido nos números acima.

Caso, algum dos nossos associados queira inscrever-se nestas actividades, nós a transmitiremos ao delegado citado.

RELATÓRIO da JUNTA DIRECTIVA

Ex.^{mos} Consócios:

Mais uma vez, e agora em ano de responsabilidade, porquanto fizemos 20 anos, vem a Junta Directiva apresentar a V. Ex.^{as} o relato da sua actividade e da nossa actuação durante o ano findo de 1956.

Segundo os cânones dos relatórios começaremos pela nossa estatística do movimento dos sócios que foi:

Existiam em 1 de Janeiro de 1956	1.315
Faleceram durante o ano	33
Foram demitidos	65
	<hr/>
	1.217
Foram admitidos durante o ano	71
Foram readmitidos durante o ano	8
	<hr/>
Ficam existindo em 31 de Dezembro de 1956... ..	1.296

Os sócios falecidos foram os seguintes:

N.º 11 - António Ferro	N.º 1.436 - Vicente Alcântara
» 19 - Prof. Doutor Augusto Pires Celestino da Costa	» 1.550 - Eng. Rodrigo Peixoto
» 47 - Joaquim Leitão	» 1.562 - Eng. José G. Camossa Vaz Pinto
» 159 - Armando Gonçalves	» 1.564 - Dr. Adriano Burquette
» 218 - José L. Travassos Valdez de Moura Borges	» 1.715 - Mário Fiadeiro
» 262 - Alfredo Brazão Alves	» 1.724 - Dr. António Augusto Cur- son
» 270 - Johan Voetelink	» 1.986 - Prof. Doutor Luís Schwal- bach
» 625 - Barão de Saavedra	» 2.081 - Hans Wimmer
» 806 - Dr. António dos Reis Tor- gal Roque	» 2.252 - Manuel Carvalho da Silva Oliveira
» 900 - Fausto Sampaio	» 2.466 - Luís Manuel Serra Pereira
» 1.016 - João Alberto Garizo	» 2.507 - Coronel João Carlos Tavares
» 1.035 - Vasco Semedo	» 2.685 - Sinforiano B. G. dos Santos Lloydes
» 1.051 - António Maria Lopes	» 2.711 - João de Jesus Friaças
» 1.223 - Manuel Álvaro da Costa Batista	» 2.772 - General António G. Serrão dos Reis
» 1.316 - Dr. José Veríssimo Marques da Silva	» 2.799 - António J. da Silva Rodri- gues
» 1.338 - João Maria Tomé	» 2.924 - Francisco Xavier de Vilhena
» 1.435 - Dr. João Henrique Ulrich	

Para todos vai uma palavra de saudade, mas particularmente para os nossos sócios fundadores e em especial para o nosso Presidente que abruptamente foi roubado ao nosso convívio em pleno êxito da sua capacidade intelectual e científica, pois que a morte o veio colher quando em Lisboa presidia a um congresso médico internacional onde o seu nome era assaz conhecido e a sua categoria científica sobremaneira apreciada. Durante quinze anos prestou ao Grupo o seu concurso presidindo à nossa Junta Directiva.

Entre os outros seja-nos permitido destacar Alfredo Brazão Alves que faleceu sendo Relator da Comissão de Contas e entre os estrangeiros Johan Voetelink, um holandês apaixonado por Portugal, particularmente por Lisboa e de quem recebemos, por várias vezes, brindes, visitas e encómios. Destacaremos ainda, sem desprimor para nenhum dos falecidos, o mais antigo dos sócios fundadores desaparecidos este ano, António Ferro, pelo muito que o turismo do país e a propaganda da nossa cidade lhe ficaram devendo.

EXERCÍCIO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1956

CONTAS	BALANÇO	
	Activo	Passivo
Caixa	1.157\$00	
Devedores e Credores	1.555\$40	27.567\$99
Cotas	200\$00	
Edições	10.699\$17	
Consignações de C/ Alheia	79.408\$33	
Devedores e Credores C/ Consignação	4.776\$00	76.568\$72
Consignações de C/ Própria		4.776\$00
Biblioteca	1.989\$75	
Emblemas	54\$00	
Móveis e Utensílios	14.243\$00	
Fundo Variável		4.883\$19
Resultado neste exercício		286\$75
	114.082\$65	114.082\$65

Segundo o nosso balanço, verifica-se que para 1957 passa um saldo positivo de Esc. 286\$75. Este equilíbrio modesto nas nossas contas dá a nota do cuidado administrativo, que não deixando de fornecer aos sócios além do Boletim gratuito, as realizações sempre dispendiosas, vivendo sem subsídios ou auxílio, mantendo simultaneamente a sua independência e o seu equilíbrio sem fugir ao cumprimento dos seus deveres culturais. Foram adquiridos durante o ano móveis e utensílios no valor de Esc. 1.092\$50, que inclui vidros, molduras e transformação de vitrinas. Além disso foram ainda adquiridos pelo valor de Esc. 1.871\$00 uma estante para a Biblioteca, um busto de gesso e um medalhão de ferro fundido representando o Marquês de Pombal da autoria de Azevedo e fundido na oficina de Garcia & C.^a da rua do Assento, actual rua Vieira da Silva em Alcântara, e uma cruz de prata

para a nossa imagem de Santo António o que perfaz aquisições no valor de Esc. 2.963\$50.

Como de costume foram várias as ofertas de livros e as permutas com o nosso Boletim e, quer a-propósito do nosso aniversário quer por ofertas eventuais, recebeu o Grupo uma taça em prata e um pergaminho iluminado das Casas Regionais existentes em Lisboa, a colecção completa, encadernada, da 2.^a edição do «Bairro Alto da Lisboa Antiga» de Júlio de Castilho— Lisboa 1902/4— 5 volumes, do sócio fundador n.º 84, Sr. Teodoro Lopes Ramos; um desenho aguarelado do século XVII representando o proscénio do Teatro Romano de S. Mamede ao Caldas, oferta do sócio fundador n.º 35, Sr. Gustavo de Matos Sequeira, Vice-Presidente da nossa Junta Directiva; uma tabuleta de vidro para a entrada da Sede, do sócio n.º 2.895, Sr. Manuel da Costa; um quadro pintado pela sócia n.º 2.241, Sr.^a D. Berta Borges, representando «Entrada de Quinta» na rua da Escola Politécnica; além de uma fotografia do antigo Balão do Arsenal oferecida pelo sócio n.º 1.775, Sr. Mário Costa.

Como oferta valiosa e significativa teve o Grupo da parte da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa a concessão da Medalha de Ouro da Cidade que nos foi concedida a-propósito do nosso 20.º aniversário. Essa notável e para nós tão honrosa distinção, contitui simultâneamente um aplauso, uma compensação e um incentivo aos trabalhos passados e futuros do Grupo. Esse facto junto à manifestação das Casas Regionais que representadas por figuras altamente cotadas do nosso meio que a pé atravessaram a cidade até à nossa Sede, dão bem a nota do forma como os nossos vinte anos de actividade cultural A BEM DE LISBOA tem sido apreciada e compreendida.

Na quadra das comemorações três acontecimentos são de registar, a iniciativa de um grupo de vinte sócios promovendo a Campanha dos Vinte— a oferta de 20\$00 a-propósito do 20.º aniversário do nosso Grupo rendeu Esc. 2.230\$00; a solicitação para promovermos a comemoração da reabertura do Café Tavares que resultou uma elegante «soirée» com o concurso de Matos Sequeira, Dr. Ramada Curto, Dr. Luís de Oliveira Guimarães e Vereador Augusto Pinto; e a colaboração com a Câmara Municipal de Sintra na cerimónia da recolocação dum Marco do Termo de Lisboa, em Massamá, mercê da colaboração dos Srs. Drs. Moreira Batista e Joaquim Fontes respectivamente Presidente e Vereador da Câmara Municipal de Sintra.

A Junta Directiva ao tomar conhecimento da instituição legal da Fundação Gulbenkian, criação notável para a nossa cidade onde tem a sua sede, aprovou uma moção que comunicou à Direcção da referida Fundação e que conjuntamente com o retrato do seu instituidor foi publicada no n.º 76 de OLISIPO.

A nossa actividade infere-se pelo seguinte movimento:

Visitas de estudo	14
Visitas de agradecimento	1
Sessão solene	1
Conferências	1
Exposições	3
Colóquios Olisiponenses	8
Jantar de confraternização	1
Jantar evocativo... ..	1
Missa comemorativa	1

O número de officios expedido pela Secretaria foi de 447.

Devemos anotar que das visitas de estudo 4 se realizaram para fora de Lisboa, sendo uma a Santarém a-propósito da Feira do Ribatejo, uma a Tomar por ocasião da Festa dos Tabuleiros, uma a Oeiras para visita à Quinta do Marquês de Pombal, e uma, já referida, a Massamá. Em todas há que referir novamente a gentileza das recepções, particularmente dos Presidentes das respectivas Câmaras e de mais autoridades civis e religiosas.

Continuaram com marcado êxito e numerosa concorrência os «Colóquios Olisiponenses» que pela sua índole fizeram diminuir o número de conferências na sede mas que tornaram mais acessível a discussão de pequenos assuntos, alguns deles de largo interesse de natureza olisiponense.

O nosso Boletim publicou-se sempre regularmente.

Como de hábito o concurso prestado pela digna Comissão de Contas e pela Secção de Movimento Cultural e Propaganda foi notável e solícito.

O pessoal cumpriu como era mister.

Em virtude do exposto propomos os seguintes votos:

- a) Saudação à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa pela alta distinção que nos conferiu a-propósito do nosso 20.º aniversário.
- b) Sentimento pelos sócios falecidos e especialmente pelo falecimento do Presidente da Junta Directiva Prof. Doutor Celestino da Costa.
- c) Agradecimento aos nossos colaboradores nas visitas, conferências, colóquios, exposições e outras realizações particularmente às autoridades das terras e regiões visitadas.
- d) Agradecimento à Ex.^{ma} Comissão de Contas, à Secção de Movimento Cultural e Propaganda.
- e) Agradecimentos à Imprensa, à Emissora Nacional e outras Emissoras de Radiodifusão pela sua solícita e sempre obsequiosa colaboração particularmente a-propósito do nosso 20.º aniversário.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1956.

A JUNTA DIRECTIVA

VICE-PRESIDENTE

Gustavo de Matos Sequeira

SECRETÁRIO-GERAL E RELATOR

Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

Dr. Alberto Gomes

TESOUREIRO

Hugo Raposo

VOGAIS

Coronel José Pereira Coelho

Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes

Prof. Doutor Raúl de Carvalho

Prof. Doutor António Monteiro da Costa

PARECER
da
COMISSÃO DE CONTAS

Ex.^{mos} Consócios:

De harmonia com o que determinam os nossos Estatutos — Art. 41.º e sua alínea b) — apresentamo-vos o nosso parecer sobre as Contas de Gerência e o Relatório da Junta Directiva em relação ao ano de 1956.

E assim, tendo acompanhado com a maior assiduidade a acção da Junta Directiva tanto no que respeita à parte administrativa como no que respeita à parte cultural, aprez-nos reconhecer que tanto uma como a outra mereceram sempre a nossa inteira concordância, pelo que vos propomos que aproveis as referidas Contas e Relatório.

E pedimo-vos mais que aproveis também os seguintes votos de louvor:

- à Junta Directiva pela sua notável actuação durante o ano que findou, e
- à Secção de Movimento Cultural e Propaganda pela valiosa cooperação que no mesmo período prestou à Junta Directiva.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1957.

A BEM DA NAÇÃO

José Leitão de Barros
Presidente

Higino Nunes da Silva
Secretário

José Francisco de Oliveira
Relator

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

PREÇOS

Sócios Público

Evocação do Café Martinho	esgotado	
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins	esgotado	
A Cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (alguns números esgotados) cada	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento de Lippe	13\$50	15\$00

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo		esgotado
Igreja da Penha de França		>
Faculdade de Medicina		>
Lisboa nos Ex-Libris		>
Lisboa na Numismática e na Medalhística		>
O Convento dos Barbadinhos Italianos		>
Do Sítio do Intendente		>
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa... ..		>
Alocações	13\$50	15\$00
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Um Arcebispo-Primaz natural de Lisboa	13\$50	15\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	9\$00	10\$00
--------------------------------	-------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00
Do Convento de N. Senhora de Jesus		esgotado
Guia do Olisipo n.º 1 a 11 cada	7\$50	8\$00
» » » n.º 12 a 16... .. cada	9\$00	10\$00
Visite Lisboa		esgotado
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo, 2.º, 3.º e 4.º vols. cada	135\$00	150\$00

FRANCISCO CORDEIRO BLANCO

Alguns desenhos inéditos de Lisboa do fim do Século XVIII	13\$50	15\$00
--	--------	--------

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
--	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett... ..		esgotado
--	--	----------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ... 9\$00 10\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos esgotado

JOÃO MONTEIRO

Estrada de Sacavém 27\$00 30\$00

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa 18\$50 15\$00

JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalhadas do Terreiro Real
que se fez na Corte da cidade de Lisboa em 1795 esgotado

JULIETA FERRÃO

Lisboa 1870 esgotado

LUÍS MOITA

A Ermida de Santo Amaro... .. . esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses 5\$00 7\$50

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$70 7\$50
A Rua das Canastras 7\$20 8\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje»
do Sr. Paulo Freire 9\$00 10\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da
Freguesia da Sé 9\$00 10\$00
Ascendentes de Camilo 13\$50 15\$00

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» e o Século XIX 4\$50 5\$00

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama 18\$00 20\$00

MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto esgotado
O Problema da Habitação 27\$00 30\$00

MÁRIO COSTA

Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra	9\$00	10\$00
Das Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha... ..		esgotado
A Igreja e o Convento da Graça		»
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St. ^a Maria de Belém Calçada da Ajuda	45\$00	50\$00 esgotado

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---------------------------------------	-------	--------

ROBERTO DIAS COSTA

A Paroquia de S. Jorge de Arroios		esgotado
--	--	----------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
---	-------	--------

RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
---	--------	--------

TINOP

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols.... ..	cada	esgotado
---	------	----------

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

OURO, PRATA E JOIAS

BARATISSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.^a mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 28503 - LISBOA

Casa Maciel, Lda.

CASA FUNDADA EM 1810

Premiado nas exposições de Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Industrial Portuguesa

*FABRICANTE DE
LANTERNAS*

em todos os estilos

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 2 24 51

63, Rua da Misericórdia, 65 - LISBOA



E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES

(Industriais, etc.)

FOLHA DE FLANDRES E AÇOS

EXPORTAÇÕES

IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

OURIVESARIA DA GUIA

fundada em 1875

JOIAS - OURO

PRATA - RELÓGIOS

R. Martim Moniz, 2-10 - R. da Mouraria, 7-11 - Tel. 28336 - LISBOA

Companhia de Diamantes de ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•
Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Álvaro Morna

Presidente dos
Grupos Estrangeiros

Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. Rolando Sucena de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvío Guimarães

Todos os tabacos da

Companhia Portuguesa de Tabacos

INVICTA - VIC - TIP TOP - SPORTING - TAGUS
PROVISÓRIOS - AVIZ - FRANCÊS - SUPERIOR

são fabricados pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS
AUTORES

—
Grandes e pequenas
quantidades

—
LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58
Telef. 2 8663 LISBOA

CAMILO
CASTELO
BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

30 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições da

Parceria António Maria Pereira

RUA AUGUSTA, 44 A 54

Telef. 3 1730 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

LIVRARIA
PORTUGAL

Rua do Carmo, 70
LISBOA

Telefone P. P. C. 3 0582, 3 0583 e 282 20

● **LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS**

Serviço rápido de encomendas

Informações Bibliográficas

Dirijam os seus pedidos à

PORTUGAL
Rua do Carmo, 70 — Lisboa



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

À alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.ºs 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.ºs 14 a 24

LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

Completamente Remodelada

Reabriu de novo, para bem servir a sua numerosa clientela,
com um sortido completo de

*Pincéis, telas e tintas de óleo para aquarela, desenho e guaches das marcas
LEFRANC, WINDSOR, PELIKAN, SCHMINCKE, etc.*

a Papeleria Camões de AUGUSTO RODRIGUES & BRITO, LDA.

42, Praça Luís de Camões 43 — Telef. 2 30 63 — LISBOA

SPORT ALGÉS E DAFUNDO

FUNDADO em 15 de Junho de 1915, para se dedicar exclusivamente à Natação, o Sport Algés e Dafundo em breve alargou o âmbito das suas actividades desportivas, nunca deixando de marcar lugar preponderante nas diversas modalidades que pratica; tais como: Polo Aquático, Vela, Saltos Artísticos, Bailados Aquáticos, Ténis, Pesca Desportiva, Vela, etc. . . .

Desde 1930 que o Sport Algés e Dafundo é campeão nacional de natação na grande maioria das provas disputadas.

Em Basquetebol foi campeão regional na época de 1949/50; e ainda recentemente a sua secção de ginástica feminina conquistou um brilhantíssimo 1.º lugar, revelando excepcionais possibilidades para um futuro próximo.

São cerca de 400 os troféus ganhos por este Clube.

O seu Estádio Náutico, inaugurado em 1930, é, ainda hoje, a única piscina de clubes desportivos que possui dimensões oficiais.

O Sport Algés e Dafundo foi oportunamente considerado instituição de utilidade pública; possui a Comenda da Ordem de Cristo e Oficialato de Benemerência, a Medalha de Ouro do Instituto de Socorros a Náufragos; e as de prata da Câmara Municipal de Oeiras e Bombeiros Voluntários de Algés.

Não é o Sport Algés e Dafundo uma instituição desportiva de Lisboa; mas a sua projecção é tão vasta e profunda que muito nos honramos incluindo o seu nome nesta série de resenhas que estamos a publicar.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL